



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

ELSON PEREIRA DE ALMEIDA

**Elementos de etnomapeamento: ensino de Geografia e seus reflexos na
educação indígena**

Marabá – PA
2018

ELSON PEREIRA DE ALMEIDA

**Elementos de etnomapeamento: ensino de Geografia e seus reflexos na
educação indígena**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado na Faculdade de Geografia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, como requisito básico para a conclusão do curso de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Rita Vidal

Marabá – PA
2018

ELSON PEREIRA DE ALMEIDA

**Elementos de etnomapeamento: ensino de Geografia e seus reflexos na
educação indígena**

_____, ____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Maria Rita Vidal
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Prof. Me. Abraão Levi dos Santos Mascarenhas
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Prof. Me. Marcelo Gaudêncio Brito Pureza
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

DEDICATÓRIA

Ao meu pai (*in memoriam*), que me amou,
cuidou e me ensinou a seguir o caminho do bem
e da dignidade.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela força e por me conduzir nessa jornada, pela ajuda, fortalecimento, sabedoria, discernimento, saúde e controle emocional nesses quatro anos de graduação.

A minha orientadora e amiga Professora Rita Vidal, pelo apoio, confiança, dedicação, orientação, profissionalismo e por me proporcionar autonomia e crescimento acadêmico. Obrigado pelas palavras de motivação, por acreditar em minha capacidade, quando eu mesmo não acreditava e pelas conversas e sorrisos em nossos encontros do dia a dia.

A minha mãe que sempre me incentivou e me ajudou a conquistar os meus objetivos, não medindo esforços para me ajudar, mesmo nunca tendo frequentado uma sala de aula sempre me motivou a estudar. Muito obrigado!

A minha noiva e eterna namorada Rafaela Peres pelo incentivo, companheirismo e ajuda durante essa jornada, pela compreensão e paciência de muitas vezes não poder dá-la a atenção devida, por conta das atividades desempenhadas durante o curso, e por suportar a distância e minha ausência no período da graduação.

Ao Laboratório de Geografia Física da Unifesspa pelo suporte para desenvolver a pesquisa aqui realizada, ao Jailson pela disposição em ministrar o Curso de *CorelDraw* e ao professor Lucivaldo da Costa pela ajuda na tradução das palavras para a língua *Kyikatêjê*.

Ao povo indígena *Kyikatêjê*, em especial aos alunos e representantes da Escola Indígena *Tatakti Kyikatêjê* por apoiar e acreditar no trabalho que foi proposto junto a escola. Ao professor indígena Jans Waritana pela ajuda na realização desse trabalho.

A todos (as) os (as) professores (as) da faculdade de Geografia e aos professores da Educação Básica que conheci nos Estágios Docentes, a todos (as) o meu muito obrigado pelo conhecimento compartilhado e experiências adquiridas.

Ao professor e amigo Marcelo Gaudêncio que me apresentou a pesquisa acadêmica e com convicção me disse que eu era capaz e iria longe como professor de Geografia. Também ao professor Gustavo da Silva pela amizade e conselhos e ao professor Abraão Mascarenhas que também foi primordial na minha formação a partir das conversas, conselhos e orientações.

Aos amigos que fiz na Geografia em especial os que conheci no Laboratório de Ensino de Geografia, Adriane, Ariane, Marcele e Kássia. Também as amigas que me acompanharam em sala de aula e no grupo dos seminários Melry, Patricia e Piedade.

Aos familiares que torceram por mim, em especial a titia Isabel, *in memorian*, que vibrou comigo na aprovação do vestibular, mas que infelizmente nos deixou em dezembro de 2017. Eternas saudades!

RESUMO

O trabalho trata sobre a importância de se utilizar elementos de etnomapeamento para a instrumentalização das aulas de Geografia, com o uso do Perfil Geoecológico. O trabalho foi desenvolvido na Escola Estadual *Tatakti Kyikatêjê*, na Terra Indígena Mãe Maria, aldeia *Kyikatêjê*, com aplicações práticas dos elementos de etnomapeamento com alunos do 6º ano. A inexistência de materiais didáticos na compreensão e entendimentos nos estudos das paisagens da aldeia, levou o trabalho a fazer proposições de aplicações práticas dos elementos de etnomapeamento na escola indígena da aldeia *Kyikatêjê* e a elaborar junto com os alunos um Perfil Geoecológico contendo os elementos que condicionam a paisagem da aldeia, perfil esse que servirá como instrumento didático pedagógico nas aulas de Geografia da escola indígena. Sendo elaborado com o auxílio e uso das tecnologias de informação geográfica, o *software CorelDraw*. Fazendo uso dos referenciais teóricos cunho sistêmico e geoecológico, adotou-se a definição de etnomapeamento segundo a concepção de alguns autores como o de Almeida (2003), Correia (2007), Acserald e Coli (2008). A concepção teórica sobre o Perfil Geoecológicos é fundamentada a partir de Mascarenhas e Vidal (2013), e de alguns trabalhos que versam sobre a importância de se analisar a paisagem a partir de perfis, e a base teórica sobre o conceito de paisagem, a partir da proposta de Rodrigues, Silva e Cavalcanti (2004), que trata das concepções sobre a geoecologia das paisagens. O trabalho se desenvolve com a delimitação da área de estudo e da série a ser trabalhada 6º ano, aulas expositivas, trabalho de campo e composição gráfica do novo Perfil Geoecológico. Como resultado tem-se a elaboração do novo Perfil Geoecológico da aldeia, a partir dos desenhos produzidos pelos alunos indígenas, o que proporcionou um ensino significativo aos alunos, possibilitando um melhor entendimento sobre o conceito de paisagem e sobre os elementos que a compõem, fortalecendo assim, o ensino de Geografia na escola indígena.

Palavras-Chave: Ensino de Geografia. Geoecologia da Paisagem. Perfil Geoecológico.

ABSTRACT

The paper deals with the importance of using ethnomapulation elements for the use of Geography classes, using the Geoecological Profile, the work was developed at the *Tatakti Kyikatêjê* State School in the Indigenous Land Mother Mary, with practical applications of the elements of ethnomapulation with 6th grade students. The lack of didactic materials in the understanding and understanding in the studies of the landscape of the village led the work to make the proposal of practical applications of the elements of ethnomapulation in the indigenous school of the village *Kyikatêjê* and to elaborate together with the students a Geoecological Profile containing the elements that condition the landscape of the village, a profile that will serve as a pedagogical didactic tool in the classes of Geography of the indigenous school. Being developed with the aid and use of the technologies of geographic information, the software CorelDraw. Using the theoretical reference frameworks, the definition of ethnomapulation was adopted according to the conception of some authors such as Almeida (2003), Correia (2007), Acserald and Coli (2008). The theoretical conception about the Geoesological Profile is based on Mascarenhas and Vidal (2013), and some works that deal with the importance of analyzing the landscape from profiles, and the theoretical basis on the concept of landscape, from of the proposal of Rodrigues, Silva and Cavalcanti (2004), that deals with the conceptions on the geocology of the landscapes. The work develops with the delimitation of the study area and series to be worked, lectures, fieldwork and graphic composition of the new Geoecological Profile. As a result, the new Geoecological Profile of the village has been elaborated, based on the drawings produced by the indigenous students, which has provided a meaningful teaching to the students, enabling a better understanding of the landscape concept and the elements that compose it, strengthening thus, the teaching of Geography in the indigenous school.

KEYWORDS: Teaching Geography. Geocology of Landscape. Profile Geoecological.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Localização da Terra Indígena Mãe Maria.	16
Figura 2. Elementos da Paisagem na Aldeia	18
Figura 3. Perfil Geoecológico da Lagoa de Nazaré na Ilha de Algodual – PA.	25
Figura 4. Perfil Geoecológico da APA do Estuário do Rio Curu/Paracuru – Ceará.	26
Figura 5. Perfil Geoecológico e Fitogeográfico do Parque Estadual Serra dos Martírios/Andorinhas-PA.	27
Figura 6. Esboço do Perfil Geoecológico da Aldeia Indígena <i>Kyikatêjê</i>	28
Figura 7. Aspectos gerais da aldeia <i>Kyikatêjê</i> . Em (A) panorama geral da escola indígena em (B) vista área da aldeia <i>Kyikatêjê</i>	37
Figura 8. Espaços da Escola Indígena <i>Tatakti Kyikatêjê</i>	38
Figura 9. Programação Cultura de Formatura dos Alunos Indígenas realizada em 2017.	39
Figura 10. Aula sobre os aspectos físicos-naturais da Aldeia utilizando o Perfil Geoecológico como recurso didático.	41
Figura 11. Trabalhando com Elementos de Etnomapeamento na Escola Indígena <i>Tatakti Kyikatêjê</i> . .	42
Figura 12. Representação dos alunos da fauna existente na aldeia.	43
Figura 13. Aspectos gerais das representações das paisagens da Aldeia <i>Kyikatêjê</i>	44
Figura 14. Desenvolvimento da atividade sobre os conceitos de paisagem e impactos na aldeia.	45
Figura 15. Caminhos Percorridos no Trabalho de Campo.	46
Figura 16. Confecção dos desenhos após o Trabalho de Campo.	47
Figura 17. Representação do Impacto causado pela implantação da Rodovia.	48
Figura 18. Melhoramento e vetorização dos desenhos produzidos pelos alunos.	49
Figura 19. Perfil Geoecológico da Aldeia <i>Kyikatêjê</i>	51
Figura 20. Resgate das ações desenvolvidas, exposição e discussão dos desenhos produzidos pelos alunos.	52
Figura 21. Apresentação do novo Perfil Geoecológico da Aldeia <i>Kyikatêjê</i>	53
Figura 22. Composição da avaliação das ações desenvolvida.	54
Figura 23. Painel com resultado final da avaliação das ações da pesquisa.	55
Figura 24. Alunos realizando a atividade sobre o que é Paisagem?.....	55
Figura 25. Conceituação teórica da Paisagem pelos alunos indígenas.....	56
Figura 26. Entendimento de Impacto Ambiental pelos alunos indígenas.	57

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Temas e informações modernas em Geografia proposto no RCNEI.....	35
--	----

LISTA DE SIGLAS

FIDA – Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola.

LDB – Lei das Diretrizes Básicas

MEC – Ministério da Educação

RCNEI – Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas.

SEDUC – Secretaria de Educação do Estado do Pará.

TI – Terra Indígena.

UNIFESSPA – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará.

SUMÁRIO

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	13
1.2. Justificativa da escolha	13
1.3. Objetivo Geral.....	15
1.4. Objetivos Específicos	15
1.5. Caracterização da área	16
1.6. Estrutura do Trabalho	19
2. REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO	21
2.1. Etnomapeamento Para Quê e Para Quem?	21
2.2. Etnomapeamento	21
2.3. Por que o Uso dos Elementos do Etnomapeamento?	22
2.4. O Perfil Geoecológico como Instrumento Metodológico para Aula de Geografia	23
2.5. Delineando os Procedimentos Metodológicos.....	29
3. A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NO BRASIL	31
3.1. A Criação do RCNEI	33
3.2. Os Conteúdos de Geografia Propostos no RCNEI	34
3.3. O Caminhar da Educação Indígena dos <i>Kyikatêjê</i>	35
4. O PROTAGONISMO INDÍGENA E A CONSTRUÇÃO DO PERFIL GEOECOLÓGICO NA ALDEIA <i>KYIKATÊJÊ</i>	41
4.1. As Aulas como Norteadoras das Ações	41
4.2. O Trabalho de Campo como Leitura do Mundo	46
4.3. A Construção do Perfil	49
4.4. A Entrega e a Validação do Perfil	52
REFERÊNCIAS	60

1. INTRODUÇÃO

Os procedimentos de mapeamento e a elaboração de perfis geoecológicos são instrumentos úteis para a sistematização, interpretação, comunicação e aprendizado sobre os aspectos da paisagem. O etnomapeamento se apresenta como uma ferramenta útil no ensino de Geografia.

Em vista disto, manifestam-se as seguintes dúvidas: o que é ensinado em Geografia que leva em consideração o conhecimento tradicional do aluno indígena? O professor de Geografia inclui em seu conteúdo elementos que proporcionem ao aluno fazer a relação do conhecimento científico que é ensinado em sala de aula com o conhecimento tradicional que o mesmo já possui? Essas indagações nos fizeram direcionar o olhar para a Escola Estadual *Tatakti Kyikatêjê*, na Terra Indígena Mãe Maria e fazer aplicações práticas dos elementos de etnomapeamento com alunos do 6º ano.

A representação espacial de uma dada área é o ponto de partida para examinar os processos de mudanças na paisagem. Desta forma, o Perfil Geoecológico torna-se útil para o trabalho didático em sala de aula indígena, se constituindo ainda como importante meio para a gestão dos territórios e compreensão do meio onde se vive.

Pelo descrito, o trabalho sustenta que os elementos do etnomapeamento se faz importante para validar e relacionar os saberes tradicionais e os saberes científicos nas aulas de Geografia, possibilitando trabalhar conteúdos que condizem com a vivência dos alunos.

1.2. Justificativa da escolha

Ao iniciar os estudos na universidade em 2014, e começar a caminhada em entender e me aprofundar no estudo sobre a Ciência Geográfica, tive no primeiro semestre a disciplina sobre “Introdução ao Ensino de Geografia”, e a partir dessa disciplina tive a certeza que estava no caminho certo da profissão a qual escolhi para seguir e me dedicar a ensinar.

Em uma das discussões na respectiva disciplina pontuou-se sobre a importância do professor da Educação Básica também poder ser um pesquisador, quebrando assim, alguns paradigmas levantados em aula. Neste momento pude entender e me interessar pela pesquisa, e a partir daí me envolvi nesse campo realizando pesquisas e visitas nas escolas, onde pude entrevistar e conversar com os alunos indagando-os em relação as suas dificuldades, entendimento e importância sobre a disciplina de Geografia, colhendo assim informações para apresentar no seminário que foi proposto pelo professor da disciplina citada anteriormente, esse

foi o primeiro contato com os sujeitos e o *locus* onde logo mais estarei atuando como professor de Geografia.

No semestre seguinte passei a ser bolsista do Laboratório de Ensino de Geografia e a participar do Grupo de Estudo Sobre Ensino de Geografia na Perspectiva da Inclusão¹. A participação nesse grupo me proporcionou realizar pesquisas sobre metodologias de ensino em Geografia para o ensino fundamental do 6º ao 9º ano, como também, poder ler e discutir textos científicos sobre o ensino de Geografia e temas relacionado à pesquisa nos debates realizados pelo grupo.

Em 2015, ao participar do Encontro de Geografia da Universidade do Estado do Pará, em uma das mesas pude ouvir o relato de uma professora que trabalhava em uma escola indígena, narrando a sua experiência quanto ao ensinar Geografia para alunos indígenas, algo que me chamou muita atenção e também interesse pela temática, porém até então fiquei apenas no campo teórico, lendo, uma vez ou outra, artigos e relatos sobre educação indígena.

No ano seguinte o grupo de estudo começa a discutir sobre a temática indígena, realizando pesquisa sobre Formação de Professores Indígenas, onde tive a oportunidade pela primeira vez de visitar uma aldeia e participar de uma conferência sobre educação na aldeia dos *Kyikatêjê*, podendo compreender a partir das falas dos representantes indígenas e dos professores indígenas e não indígenas qual o modelo que os mesmos almejam para a educação indígena, suas indagações e inquietações em relação a preservação da cultura, currículo diferenciado, formação de professores entre outras questões pontuadas.

No que tange ao desejo de realizar essa pesquisa, a concretização da escolha pelo tema se dá a partir de minha inserção como bolsista no grupo de pesquisa Praticando Geoecologia das Paisagens em Terras Indígenas², grupo esse que faz parte do Laboratório de Geografia Física da Unifesspa – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. É a partir do desenvolvimento desse projeto que tive a oportunidade de observar, acompanhar e conhecer o dia a dia de uma sala de aula indígena, como também ter a experiência de ministrar aula para alunos indígenas.

Diante desse percurso aqui apresentado, do trabalho desenvolvido como bolsista e a partir das conversas com a professora Rita (coordenadora do projeto) e agora minha orientadora neste trabalho de conclusão de curso, que surge o interesse de trabalhar e dar seguimento sobre

¹ É denominado GEOINCLUSÃO (Ensino de Geografia na Perspectiva da Inclusão), tendo o professor Me. Marcelo Gaudêncio Brito Pureza como Coordenador.

² Tendo a professora Dra. Maria Rita Vidal como Coordenadora.

a temática indígena, levando em consideração os conhecimentos que os alunos indígenas já possuem sobre o seu local de vivência, suas particularidades e identidade.

Na sequência, no ano de 2017 fui novamente bolsista junto ao Laboratório de Geografia Física, através do Grupo de Pesquisa Geocologia da Paisagem e Sistemas Geoinformativos, sob a Coordenação da professora Rita Vidal, agora desenvolvendo ações no projeto (PAPIM/2017)³, intitulado “Construção Coletivo de Etnomapeamento para o Ensino de Geografia em Terras Indígenas”, onde efetivamente iniciamos as bases de intervenção metodológica tendo como suporte o Perfil Geoecológico. As ações se deram diretamente na Escola Indígena *Tatakti Kyikatêjê* localizada no interior da aldeia *Kyikatêjê*, com ministração de aulas, realização de trabalho de campo, construção de desenhos pelos alunos entre outras atividades.

Observou-se que a falta de materiais didáticos, que auxiliem na compreensão e entendimento nos estudos das paisagens da aldeia é uma tônica, materiais esses que vão ao encontro dos conhecimentos prévios e costumes da comunidade indígena para serem usados nas aulas de ensino de Geografia na escola da referida aldeia, também me levou a desenvolver o referido trabalho.

1.3. Objetivo Geral

Propor a metodologia de etnomapeamento através do uso do Perfil Geoecológico, como elemento das questões espaciais e das representações indígenas nas aulas de Geografia. As maneiras e formas de ver a paisagem refletem uma noção espacial que se torna elemento essencial na representatividade do universo indígena.

1.4. Objetivos Específicos

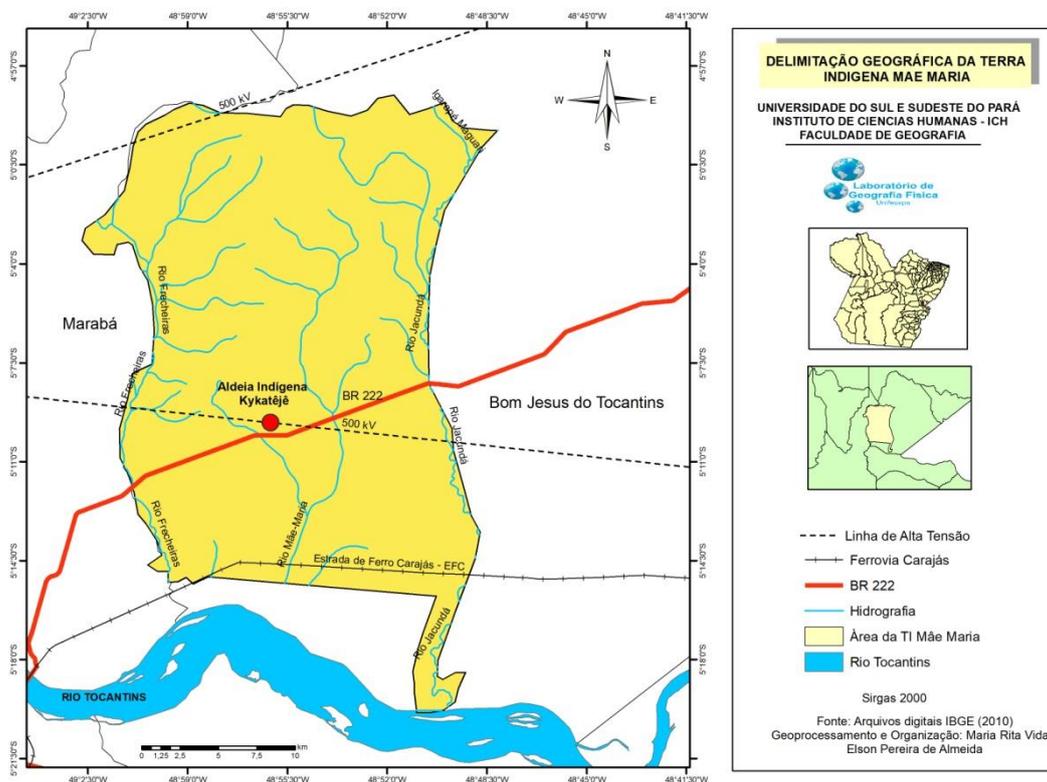
- Identificar conjuntamente com os alunos um quadro dos condicionantes da paisagem na aldeia indígena através do Perfil Geoecológico;
- Produzir perfis e desenhos enquanto instrumentos pedagógicos nas aulas de Geografia na escola indígena;
- Potencializar uso de elementos do etnomapeamento levam a construção do conhecimento geográfico.

³ Programa de Apoio a Projetos de Intervenção Metodológica – Unifesspa Proeg. Ao longo do desenvolvimento do projeto foram feitas publicações que validam as discussões aqui apresentadas (Ver anexo D).

1.5. Caracterização da área

Os *Kyikatêjê* habitam a Terra Indígena (TI) Mãe Maria, no município de Bom Jesus do Tocantins na Região Sudeste do Pará, distante da cidade de Marabá aproximadamente 30 quilômetros, as margens da Rodovia BR 222, a aldeia localiza-se no Km 25 (Figura 1).

Figura 1. Localização da Terra Indígena Mãe Maria.



Fonte: Arquivos digitais IBGE, 2010.

A TI, localiza-se entre o rio flecheira e o rio Jacundá, com uma área total de 62.488 hectares, abrangendo inicialmente três povos indígenas: *Parkatêjê*, *Akrãtikatêjê* e os *Kyikatêjê* (RICARDO, 1985). Atualmente, existem aproximadamente 14 aldeias⁴ independentes dentro da Terra Mãe Maria. Os elementos que compõem a paisagem da aldeia *Kyikatêjê* (Figura 2) é expresso por 38 casas dispostas em círculos (A), Escola de nível Fundamental e Médio (B), Igreja Evangélica (C), campo de futebol (D), Associação Indígena Gavião *Kyikatêjê Amtáti* (E), acampamento (F), áreas de mata para a prática de arco e flecha (G), Florestas adensadas com a

⁴ Dados coletado em trabalho de campo nas dependências da Terra Indígena Mãe Maria em junho de 2017.

presença significativa de árvores de Castanhas do Pará (H), caixa d'água (I), guarita/portão de acesso à aldeia (J), área de concentração para os jogadores do time Gavião *Kyikatêjê* Futebol Clube (K)⁵.

⁵ O Gavião *Kyikatêjê* Futebol Clube no início os jogadores do time eram unicamente de índios, mas atualmente é formado por jogadores não indígenas, sendo constituído de uma equipe mista.

Figura 2. Elementos da Paisagem na Aldeia Kyikatêjê.



Fonte: Elaborado por Elson Almeida.

O povo *kyikatêjê* enfrenta na TI impactos ambientais de grande ordem, advindos dos Grandes Projetos Governamentais, sobretudo na década de 1970, onde foram implementados na região Sudeste do Pará, que cortam a área em questão. Esses impactos podem ser pontuados por: Linha de alta tensão; estrada de Ferro Carajás e construção da BR-222, ambas com ação direta sobre a Terra Indígena Mãe Maria. Além disso, a TI tem sofrido com invasões, pessoas de fora entram em suas terras para a coleta de frutos a exemplo a Castanha do Pará (*Bertholletia excelsa*) e para retirada de madeira. Há também impactos causados pela erosão ocasionados pelos não indígenas nas fazendas no entorno da aldeia, que causa a fragmentação de habitats influenciando na dispersão e colonização das várias espécies presentes em sua área.

1.6. Estrutura do Trabalho

O Trabalho está estruturado em 5 capítulos, evidenciando o que será feito em cada etapa do trabalho.

O capítulo 1 será apresentado sucinta e breve discussão sobre a importância do etnomapeamento para a instrumentalização das aulas de Geografia, sobretudo com uso de perfis geocológicos pontuando sua importância e utilidade no ensino de Geografia. O capítulo traz também apontamentos em relação a escolha do tema, e ainda é apresentado os objetivos que se pretende alcançar na pesquisa, assim como a compreensão e caracterização da área de estudo, dando sequência com as etapas metodológicas percorridas para a construção do trabalho.

O capítulo 2 visa apresentar as bases teóricas que fundamentaram o trabalho, discutindo o conceito de etnomapeamento e expondo exemplos de etnomapeamento exitosos em terras indígenas. As bases teóricas referentes à elaboração de Perfis Geoecológicos e sobre o conceito de paisagem será abordado.

O capítulo 3 trata da discussão sobre os caminhos históricos da educação indígena, apresentando como se deu as conquistas na área educacional. Considerações sobre a criação do RCNEI (Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas) expondo as orientações curriculares propostos para a educação indígena e o ensino de Geografia. Ainda nesse momento será abordado algumas reflexões sobre os desafios da educação indígena *Kyikatêjê*, expondo algumas práticas e vivências no âmbito educacional na escola indígena *Tatakti Kyikatêjê*.

No capítulo 4 trata das discussões e resultados a partir da metodologia aplicada e das atividades realizada pelos alunos.

Por fim o capítulo 5 apresenta as considerações finais referentes aos dados levantados e analisados na pesquisa.

Importa saber, que os desenhos utilizados nesse trabalho foram construídos a partir das atividades acadêmicas em sala e em trabalho de campo na Terra Indígena *Kyikatêjê*, as imagens utilizadas nesse trabalho também foram autorizadas pelos participantes, no entanto tomamos o cuidado para com a apresentação, seleção e exposição das imagens.

2. REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO

2.1. Etnomapeamento Para Quê e Para Quem?

O Etnomapeamento é um mapa construído a partir de várias vozes e várias experiências e de vários grupos, desde os mais jovens aos mais velhos, que tentam resumir no mapa o que o povo indígena entende sobre o território.

Segundo Correia (2007, p. 15):

O etnomapeamento é visto como parte política que contribui para as demandas indígenas, especialmente as territoriais e de uso dos recursos, como também tem ajudado os povos indígenas a defenderem seus direitos históricos sobre as terras que ocupam.

Assim, com o etnomapeamento os indígenas refletem o lugar onde vivem, pensando também o futuro a partir de um diagnóstico socioambiental do território, sendo a comunidade protagonista desse processo, identificando os problemas ambientais, culturais, econômicos entre outros.

Com o etnomapeamento as comunidades podem realizar a comparação entre os mapas produzidos com a participação da comunidade e os mapas de alguns anos atrás. Os mapas temáticos de vegetação, de pesca, de árvores e mapas de rios construídos e elaborados a partir da análise do seu espaço vivido servirão de documentos para que a comunidade possa dialogar com as políticas públicas, estando agora cientes de suas necessidades e demandas referente ao seu espaço.

2.2. Etnomapeamento

O termo ou conceito etnomapeamento recebe variações diferentes, dependendo do local onde se desenvolve, podendo ser chamado de mapeamento participativo, cartografia social, cartografia participativa, mapeamento cultural, levantamentos etnoecológicos, mapeamento etnoambiental, mapeamento comunitário participativo, macrozoneamento participativo, etnozoneamento, diagnóstico etnoambiental, dentre outros (ACSERALD; COLI, 2008, p. 24).

As iniciativas relacionadas à Cartografia Participativa surgem na década de 1970, principalmente em países norte-americanos como o Canadá, envolvendo comunidades indígenas da região (ALMEIDA, 2003). No Brasil, o conceito de Cartografia Social surge com o Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, já no início da década de 1990, coordenado pelo Prof. Alfredo Wagner. Segundo Almeida (2003):

A Cartografia Social constitui-se como um ramo da ciência cartográfica que trabalha de forma crítica e participativa, com a demarcação e a caracterização espacial de territórios em disputa, de grande interesse socioambiental, econômico e cultural, com vínculos ancestrais e simbólicos.

Portanto, o projeto combina técnicas de mapeamento com atividades participativas, em reuniões para discutir temas sobre a realidade local, cria condições para que cada comunidade tradicional possa se auto cartografar e levando em conta o que de fato é essencial e relevante para elas.

Segundo o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA, 2009, p. 6) a “cartografia participativa é um processo de levantamento de mapas que trata de tornar visível a associação entre a terra e as comunidades locais utilizando uma linguagem reconhecida e compreendida pela Cartografia”.

Para Acserald e Coli (2008, p.24) “os mapeamentos participativos são aqueles que reconhecem o conhecimento ambiental e espacial das comunidades e os insere em modos mais tradicionais de conhecimento”.

Também segundo Correia (2007) o etnomapeamento se constitui um importante instrumento técnico e político de diagnóstico que oferece subsídios aos povos indígenas, e a entidades com as quais se relacionam, para planejar ações voltadas à gestão territorial e ambiental em terras indígenas.

O etnomapeamento é construído a partir da identificação de elementos da paisagem de um determinado grupo indígena, levando em consideração os seus conhecimentos, seus recursos naturais, suas formas de ocupação e apropriação do seu território. Fazendo a relação entre os conhecimentos dos sujeitos que colaboram e que estão envolvidos nos mapeamentos e o conhecimento científico.

2.3. Por que o Uso dos Elementos do Etnomapeamento?

Um dos vários motivos para a construção e utilização dos elementos do Etnomapeamento, está relacionado a melhoria da gestão do ambiente para as comunidades que vivem no território. Ademais, o Etnomapeamento dá suporte para espacializar diversas questões que envolvem o seu ambiente como, por exemplo, a coleta e o extrativismo na mata, áreas de pesca, caça, roça, fragmentação da paisagem, impactos ambientais, assim como, delimitar os espaços, conflitos socioambientais nas áreas de entorno das aldeias e ainda, pontuar e fortalecer os aspectos culturais, religiosos, místico que conferem a sua cosmogonia.

Através desses mapas, perfis e desenhos tem-se um diálogo equilibrado entre o conhecimento científico e o conhecimento dos povos da terra indígena.

Em relação ao etnomapeamento, segundo Almeida (2003, p. 15):

Mapa é o exercício de práxis de poder sobre o território. Ou seja, no processo do Etnomapeamento os indígenas refletem e planejam as ações dentro do plano de gestão territorial ambiental, estando esse mapa refletindo a identidade própria dos indígenas, que mostram a sua cultura e sua forma de se relacionar com a natureza.

Portanto, o etnomapeamento é um exercício de reflexão sobre o lugar onde eles vivem, sendo criados e definidos conforme a própria demanda dos povos.

Dentre os exemplos exitosos dessa prática, podemos citar o Etnozoneamento da Porção Paraense das Terras Indígenas Trombetas-Mapuera e Nhamundá-Mapuera, realizado em 2012⁶. Ao final do trabalho os autores mostram resultados positivos, no que diz respeito ao incentivo à gestão integrada do território indígena, uma vez que possibilitaram um conhecimento melhorado do modo de vida e da situação social e ambiental dos povos que vivem nesta região, sendo também um importante apoio ao processo de fortalecimento político e territorial dos indígenas a conservação da cultura local e a proteção da diversidade dos ecossistemas locais.

Outro trabalho desenvolvido a partir do etnomapeamento foi realizado nas terras indígenas Potiguaras, durante um ano e tem como resultado da pesquisa a construção do livro Etnomapeamento dos Potiguaras da Paraíba em 2012, este trabalho pontuou para a importância da gestão territorial de terras indígenas. Com o etnomapeamento foram construídos mapas acerca dos ambientes, das atividades extrativistas e produtivas praticadas, dos impactos e conflitos socioambientais vivenciados no território, dos atores envolvidos na gestão territorial e das perspectivas sobre o uso do território.

Na terra Mãe Maria, o etnomapeamento através da utilização do Perfil Geoecológico, partido de uma construção prévia e posteriormente por uma reconstrução dos alunos, evidenciou a espacialização de dados referentes a impactos ambientais e mudanças significativas nas paisagens, como também, implicações sociais e culturais na comunidade.

2.4. O Perfil Geoecológico como Instrumento Metodológico para Aula de Geografia

Recentemente o projeto “Construção Coletiva de Etnomapeamento para o Ensino de Geografia em Terras Indígenas” desenvolvido mediante a aprovação no Programa de Apoio a Projetos de Intervenção Metodológica-PAPIM edital 02/2017, coordenado pela Prof.^a Rita Vidal discutiu e abordou questões referentes ao uso de elementos de etnomapeamento na Terra

⁶ Etnozoneamento da porção paraense das terras indígenas Trombetas-Mapuera e Nhamundá-Mapuera / Ivaneide Bandeira Cardozo, Israel Correa do Vale Junior, org. --Porto Velho - RO: EDUFRO, 2012. 200p. il.

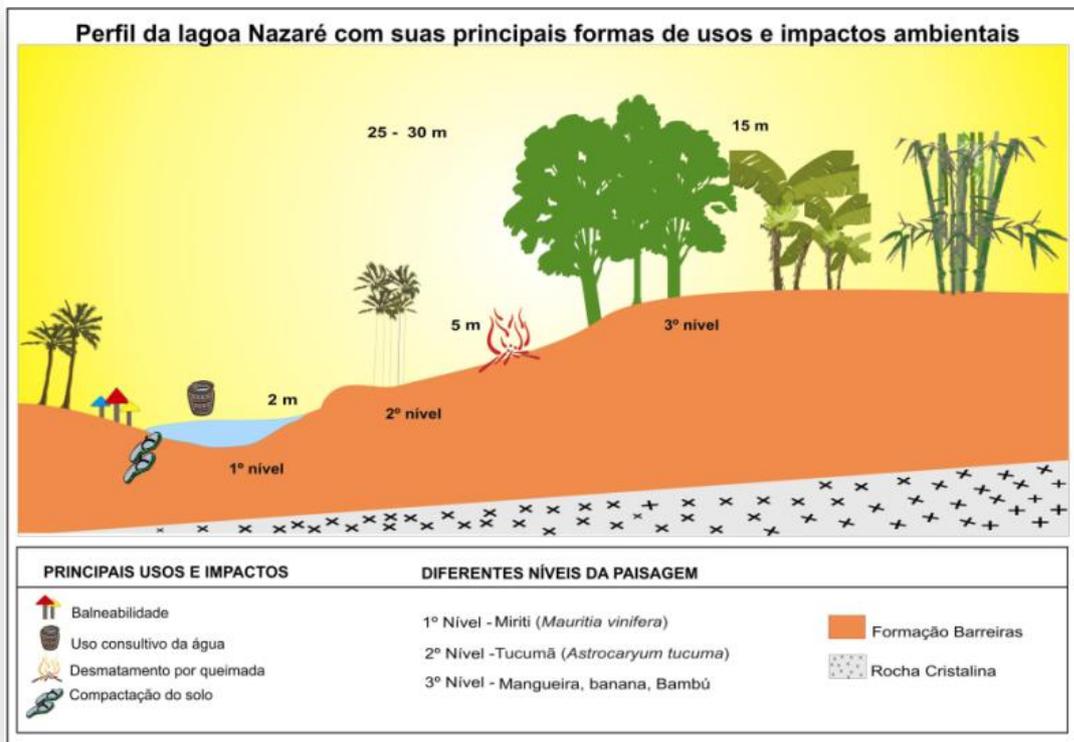
Indígena Mãe Maria. O estudo foi desenvolvido na aldeia *Kyikatêjê* com os alunos da Escola Estadual *Tatakti Kyikatêjê*, teve como objetivo a utilização de etnomapeamento para a elaboração de modelos dinâmicos e de representação das paisagens indígenas que auxiliem as aulas de Geografia na escola indígena, fortalecendo assim, o ensino de Geografia através de instrumentos como a elaboração de desenhos pelos alunos culminando com a elaboração do Perfil Geoecológico da aldeia.

Diante disso, usaremos as bases de Mascarenhas e Vidal (2013) acreditam que o Perfil Geoecológico é uma técnica de representação da paisagem assim como o mapa, sendo que a principal diferença entre um e o outro está na forma de como salta aos olhos. Ou seja, no mapa se apresenta as características da paisagem de forma horizontal, já o perfil se pauta em ser a representação das características da paisagem em forma vertical.

Sendo assim, o Perfil Geoecológico é definido como representação espacial e vertical da paisagem consistindo na distinção das feições a ela intrínseca. Desta forma, utiliza-se esta ferramenta, pois facilita a correlação da leitura dos elementos naturais da paisagem, tais como relevo, solo, hidrografia, vegetação entre outros. Sendo a construção do Perfil Geoecológico feita a partir da obtenção de pontos georreferenciados, identificação das formas de uso e ocupação, elementos esses adquiridos em campo, sendo seguidamente esses dados manipulados através *software ArcGis* e do programa *CorelDraw* como ferramentas de elaboração e edição gráfica.

Alguns trabalhos têm abordados a importância de se analisar a paisagem a partir de tipos de perfis, entre eles estão o Perfil Topográfico da Lagoa de Nazaré na Ilha de Algodal (MASCARENHAS, 2006), Perfil Geoecológico da APA do Estuário do Rio Curu-Paracuru-Ceará (VIDAL, 2014), Perfil Geoecológico e Fitogeográfico do Parque Estadual Serra dos Martírios/Andorinhas-PA (ALENCAR, 2018), elaboração de materiais didáticos no ensino de Geografia Física na reserva indígena *kyikatêjê* a partir da construção do Perfil Geoecológico (ALMEIDA; RIBEIRO; VIDAL, 2017) demonstrando assim, a sua utilidade no estudo, na representação e na análise da paisagem, como podemos observar nos exemplos de perfis (Figuras 3, 4 e 5)

Figura 3. Perfil Geocológico da Lagoa de Nazaré na Ilha de Algodal – PA.

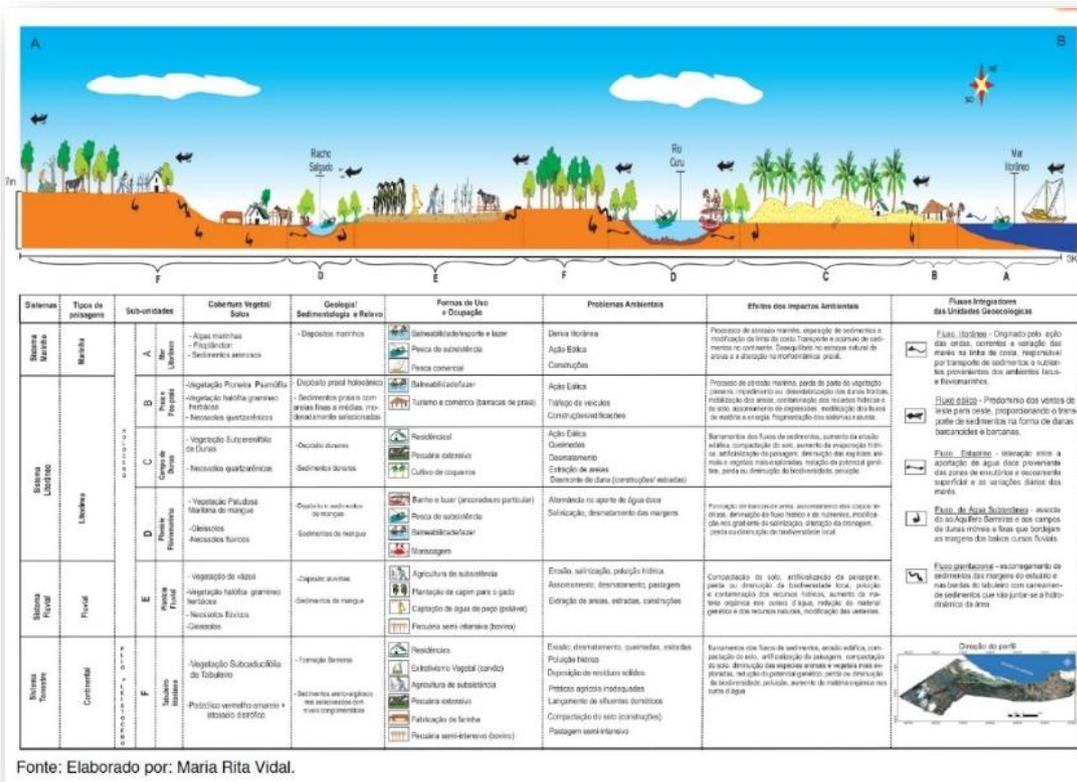


Fonte: Mascarenhas, 2006.

A figura 3 apresenta o Perfil Topográfico representativo da Lagoa de Nazaré, na Ilha de Algodal – PA. Elaborado por Mascarenhas (2006). O perfil apresenta as formas de usos e impactos ambientais mais significativos para a área de pesquisa, sob a base geológica.

Esses elementos foram mais organizados em uma esfera complexa, no perfil elaborado na figura 4.

Figura 4. Perfil Geocológico da APA do Estuário do Rio Curu/Paracuru – Ceará.



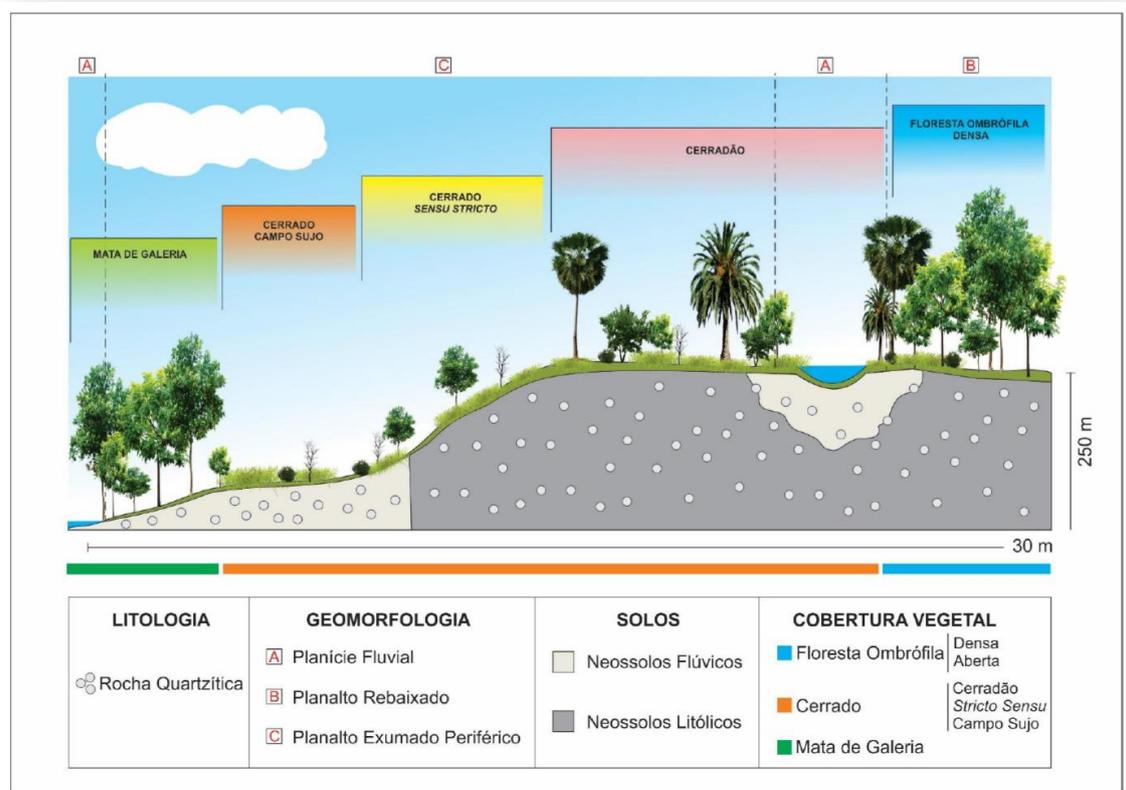
Fonte: Elaborado por: Maria Rita Vidal.

Fonte: Vidal, 2014.

A figura 4, elaborada por Rita Vidal (2014), é a espacialização sistêmica dos componentes integrados na paisagem do Estuário do rio Curu. O perfil possibilita a sistematização de elementos físicos-naturais e sociais, apontando o cruzamento entre os elementos sistêmicos e as formas de usos empregadas na paisagem estudada. O Perfil Geocológico da APA do Estuário do rio Curu e seu entorno, representa as relações funcionais entre as unidades geocológicas.

Estudos realizados sobre o cerrado na região foram elaborados por Alencar (2018), através da apresentação da monografia, que também fez uso das representações do perfil em seu trabalho figura 5.

Figura 5. Perfil Geoecológico e Fitogeográfico do Parque Estadual Serra dos Martírios/Andorinhas-PA.



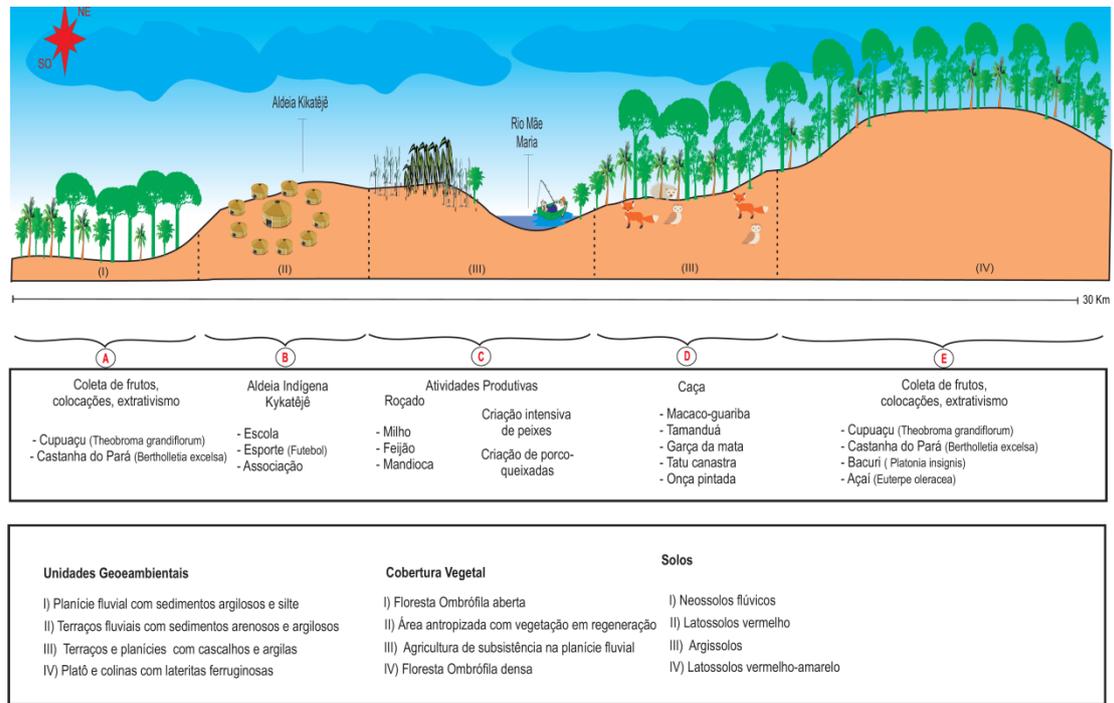
Fonte: Alencar, 2018.

O perfil apresentado na figura 5, foi elaborado no Trabalho de Conclusão de Curso de Diemison Alencar (2018) na Geografia Física-Unifesspa, versa sobre a representatividade das fitossionomias do Parque Estadual Serra dos martírios/Andorinhas-Pa. Com foco na identificação e classificação do domínio Cerrado na Região amazônica. O Perfil Geoecológico e Fitogeográfico possibilita com propriedade a visualização da distribuição dessa fisionomia integrada com os condicionantes físicos, litologia, geomorfologia e solos.

Sendo estes exemplos de composição de perfil, onde os elementos físicos-naturais são apresentados, sendo esses aspectos úteis nas composições e apresentações das paisagens. Dessa forma, tomou-se como nesse trabalho a composição do esboço do Perfil Geoecológico da Aldeia *Kyikatêjê* para os trabalhos iniciais, que foi construído pela equipe (professores e bolsistas), contendo neste perfil elementos condicionantes da paisagem (solo, relevo, hidrografia, vegetação), com base em documentos da área. A partir da caracterização dos ambientes permitiram a integração dos dados na produção do Perfil Geoecológico da Aldeia.

Este serviu como instrumento para as primeiras aproximações e do desenvolvimento dos trabalhos com a utilização do Perfil Geocológico (Figura 6).

Figura 6. Esboço do Perfil Geocológico da Aldeia Indígena *Kykatêjê*.



Fonte: ALMEIDA; RIBEIRO; VIDAL, 2017.

Em relação ao conceito de paisagem, ressaltamos que sua definição possui vários significados, podendo variar de acordo com o objetivo do pesquisador, da escola ou a corrente filosófica a qual o pesquisador preferiu adotar.

Rodriguez *et al* (1995), a define como “um sistema integrado dotado de objetos naturais e objetos antrópicos, considerando-a um “sistema total”. Tem-se assim, segundo a interpretação desse autor, a paisagem em seu sistema territorial constituído por elementos antrópicos e naturais. Entende-se, portanto, que as paisagens naturais são transformadas pela própria sociedade, a partir de suas necessidades de habitação, sobrevivência, produção e trabalho.

Este trabalho adota o conceito de paisagem definida por Rodriguez, Silva e Cavalcanti (2004, p.18).

A paisagem é definida como um conjunto inter-relacionado de formações naturais e antroponaturais, podendo considerá-la como: um sistema que contém e reproduz recursos, um meio de vida e da atividade humana e um laboratório natural e fonte de percepções estéticas.

Por paisagem natural se considera o conjunto de componentes naturais (geologia, relevo, clima, águas, solos, vegetação e fauna), que se interrelacionam de forma dialética em uma determinada porção do espaço da superfície.

Por paisagem antroponatural se considera a morfologia que reflete a forma em que as ações humanas que são modificadas, transformadas e construídas. Assim, manifestam-se não apenas as características naturais mais em particular as que são modificadas pela ação humana. Esse conceito de paisagem para a elaboração dos estudos analisados à luz da teoria sistêmica.

2.5. Delineando os Procedimentos Metodológicos

Para a realização da pesquisa alguns procedimentos foram aplicados durante o seu desenvolvimento:

- Delimitação da área de estudo e escolha da série a ser trabalhada, neste caso trabalharemos com alunos do 6^a ano da escola Indígena *Tatakti Kyikatêjê*;
- Levantamento bibliográfico referente aos conceitos de etnomapeamento, paisagem, perfil geoecológico e educação indígena;
- Reunião com os representantes da direção pedagógica da Escola Indígena *Tatakti Kyikatêjê* para a apresentação do trabalho a ser realizado na escola, como também o contato com o professor de Geografia que leciona no 6^a ano para o planejamento das atividades a serem realizadas em conjunto;
- Aulas expositivas e dialogadas, sendo trabalhado os conceitos referentes a “ paisagem e impacto ambiental, construindo o conceito de paisagem natural e paisagem degradada” com a utilização e apresentação do Perfil Geoecológico, tendo como objetivo fazer com que os alunos percebam as variações físicas naturais e antrópicas presentes em sua aldeia;
- Trabalho/levantamentos dos componentes naturais da aldeia (solo, relevo, vegetação, fauna e hidrografia), a partir da utilização do primeiro Perfil Geoecológico da aldeia;
- Trabalho de campo realizado na mata da aldeia e ao entorno da escola com o acompanhamento do professor indígena da classe, tendo como objetivo proporcionar com que os alunos vejam em *locus* os elementos que foram discutidos e trabalhados em sala de aula a exemplo: a mata, a terra, animais, água entre outros. Sendo todos esses

elementos representados pelos alunos em forma de desenhos e depois dispostos no perfil para a construção única dos condicionantes das paisagens na aldeia;

- Sistematização dos dados coletados no trabalho de campo e elaboração do novo Perfil Geoecológico junto aos alunos compondo um novo quadro de condicionantes da paisagem composto por desenhos dos alunos;
- Composição gráfica do Perfil Geoecológico através de programa *CorelDraw*⁷;
- Encontro com aula expositiva, que terá como objetivo a apresentação, discussão e reaplicação do novo Perfil Geoecológico junto aos alunos indígenas, bem como apontar em que grau os elementos do etnomapeamento levam a compreensão dos conteúdos, e como os desenhos e mapas são fortalezas didáticas em sala, discutindo o conceito de paisagem e analisando os processos que compõem sua aldeia.

⁷ Licenciado pelo CTIC – Unifesspa, instalado no Laboratório de Geografia Física.

3. A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NO BRASIL

“Antigamente defendemos e brigamos pelo nosso território com armas, hoje continuamos as lutas travadas pelos nossos ancestrais só que agora a partir do conhecimento, das leis e da escrita.⁸”

Concita Sopré.

Pode-se dizer que a educação e escola para índios têm seu início desde os primeiros tempos da colonização, e se estrutura no Brasil a partir de 1549, época em que chega ao território nacional a primeira missão jesuítica enviada de Portugal por D. João III, que tinha por objetivo converter os nativos à fé cristã.

Ainda segundo Leonardí (1996) quando o índio se recusava a trabalhar ou se revoltava, opondo resistência ao processo de escravização (completa ou parcial), ele era duramente perseguido e reprimido, ou seja, os índios que se rebelavam eram vistos como selvagens e brutos.

Assim, percebemos que todo esse processo foi marcado por resistência e batalhas com os colonizadores ao longo de todo processo de ocupação e colonização do território brasileiro. Como estratégias para ensinar os índios a ler, escrever e lhes inculcar a doutrina cristã, os missionários Jesuítas percorriam as aldeias em busca, principalmente, de crianças e procuravam se aproximar dos indígenas, para aprenderem suas línguas e conquistarem sua confiança, firmando assim seu processo de catequização (RIBEIRO, 1984). No entanto, o ensino que lhes eram propostos era centrado na catequese, não levando em consideração a cultura e língua.

Com os Jesuítas expulsos do Brasil em 1757 os missionários agora são introduzidos no país tornando os responsáveis pela catequese e civilização dos indígenas. Porém, os trabalhos dos missionários se assemelharam aos desenvolvidos pelos Jesuítas, que tinha como objetivo negar a diferença, transformando-os em algo diferente do que eram tendo como interesse o controle e a exploração. Assim a escola para os indígenas aparece no primeiro momento como instrumento para a catequese, em seguida para formar mão de obra, e por fim, para inserir os índios ao Estado Português.

⁸ Relato coletado na formatura dos alunos indígenas do Ensino Médio, realizada na aldeia Kyikatêjê, no dia 18/12/17.

Pois, segundo Ladeira (1999), “a escola era pensada como possibilidade de que os grupos indígenas se integrassem na sociedade nacional, abandonando com o passar do tempo o seu modo de ser”. Ou seja, com a implantação de uma escola em área não indígena a cultura, a língua, a arte e as tradições foram excluídos da sala de aula, desta forma, o estudante indígena desaprendiam a sua cultura e costume, abandonando assim o seu modo de vida e sua identidade.

Portanto, no início da década de 70, acontece uma explosão das reivindicações indígenas requerendo os bens que lhes é de direito, entre elas a discussão sobre a educação escolar que era oferecida nas áreas indígenas (BARBALHO, 2007). Tem-se assim, um crescimento em torno do tema sobre a educação, partindo das reivindicações das próprias comunidades que pleiteiam uma educação que fossem ao encontro de seus objetivos, suas especificidades e particularidades culturais.

Neste momento os grupos indígenas começam a se articular e brigar pelos seus direitos, discutindo e refletindo sobre uma nova redefinição da educação escolar entre si próprios, buscando uma educação ao encontro de seus interesses. No final da década de 70, surgiram várias organizações não governamentais em prol da defesa das causas indígenas, surgindo assim, as primeiras manifestações dos movimentos indígenas no Brasil, assessorado por vários segmentos sociais envolvidos com a questão indígena (MANDULÃO, 2006).

A partir dessas manifestações que contou com uma grande participação, mobilização e luta do movimento indígena brasileiro, forçaram o Estado brasileiro a pontuar na Constituição Federal projetos para uma formulação mais precisa de uma política de educação escolar indígena que atenda as expectativas das comunidades indígenas, passando a serem respeitados como grupos étnicos diferenciados.

Sendo a partir da Constituição Federal de 1988 é que a “escola indígena” ou “escola para os índios” ganha espaço. A educação em terras indígenas é fruto de reivindicações políticas das lideranças indígenas, vendo a escola como um espaço de valorização e preservação das práticas culturais. A Constituição de 1988 assegurou, às comunidades indígenas, o direito a uma educação diferenciada, específica e bilíngue entre outros princípios educacionais que foram conquistados.

Outra conquista se deu a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) – Lei 9394/96 reconhece as particularidades da educação escolar indígena e assegura o reconhecimento das suas diferenças e especificidades socioculturais e linguísticas dos povos indígenas. Estando estabelecido no Artigo 79 que compete a União o desenvolvimento de

programas de ensino e pesquisa para a oferta da educação escolar indígena, com o objetivo de garantir e proporcionar aos índios o respeito à interculturalidade, a multilinguismo e a etnicidade.

Mesmo as escolas e a educação indígena estando legalmente amparadas atualmente por leis, na prática essas leis não se constituem, assim as escolas indígenas enfrentam dificuldades quanto a sua implementação e execução na prática, vemos assim que a implementação e efetivação desses programas se constitui em um desafio para os povos e para a educação.

Conforme a reflexão feita por Meliá (1979), que acredita que os modelos de educação indígena têm valores completamente diferentes, exigindo estrutura, organização e pedagogia diferentes, sem precisar negar suas especificidades culturais e suas identidades étnicas.

Desta forma, entende-se como educação indígena o processo de ensino e aprendizagem que se dá no dia a dia do contato do indígena com sua comunidade, no desenvolver de seus trabalhos como no ato de pescar, caçar, plantar e no seu lazer, construindo assim a sua identidade. Portanto, a educação indígena não está restrita ou vinculada a um espaço específico, sendo a escola todos os espaços físicos da comunidade a qual estão inseridos. Justifica-se assim que as atividades realizadas com elementos do etnomapeamento e o trabalho de campo se torna de suma importância, pois, os alunos observaram em *locus* os elementos discutidos em sala de aula, ampliando assim os alhares dos alunos, contribuindo para o ensino de Geografia e no processo de construção dos conceitos.

3.1. A Criação do RCNEI

O Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI) é um documento preparado e publicado pelo Ministério da Educação em 1998, como subsídio para a discussão e a implementação de novas políticas e práticas pedagógicas e curriculares em Terras Indígenas. O RCNEI é resultado das discussões teóricas sobre Educação Escolar Indígena e a recente inserção das escolas indígenas nos sistemas educacionais.

A organização e elaboração do RCNEI foram construídas a partir de discussões coletivas partindo de diferentes situações, como em cursos de formação de professores indígenas, de encontros de organizações dos professores índios realizados em algumas regiões do país, em análises de práticas escolares documentadas, e em depoimentos de assessores pedagógicos experientes da área. Também, de uma equipe formada de Educadores vinculados,

em sua maioria, a ações de implantação e assessoria às escolas indígenas e à formação de professores indígenas constituídos pelo MEC (Ministério da Educação).

O RCNEI pretende servir como um instrumento auxiliar de discussão e reflexões sobre uma escola indígena específica, diferenciada e de qualidade, assim o documento tem como objetivo oferecer subsídios para:

- A elaboração e implementação de programas de educação escolar que melhor atendam aos anseios e interesses das comunidades indígenas;
- A formação de educadores capazes de assumir tarefas e de técnicos aptos a apoiá-las e viabilizá-las.

Outras discussões e reflexões que o RCNEI se propõe a explicar são os marcos comuns que distinguem escolas indígenas de escolas não indígenas, a refletir as novas intenções educativas que devem orientar as políticas públicas educacionais para as escolas indígenas brasileiras e a apresentar os princípios mínimos necessários, em cada área de estudos do currículo, para que se possam traduzir os objetivos que se quer alcançar em procedimentos de sala de aula.

Assim, este documento tem como fundamento o reconhecimento da:

- Multietnicidade, pluralidade e diversidade;
- Educação e conhecimento indígenas;
- Autodeterminação;
- Comunidade educativa indígena;
- Educação intercultural, comunitária, específica e diferenciada.

No mais, o RCNEI oferece subsídios para a elaboração de projetos pedagógicos nas escolas indígenas, objetivando melhorar a qualidade do ensino e a formação dos alunos indígenas, levando em consideração as suas particularidades, como também irá auxiliar o trabalho do professor indígena e não indígena, e reflexões na construção de escolas indígenas diferenciadas, firmadas em princípios de escola que cada grupo indígena deseja.

3.2. Os Conteúdos de Geografia Propostos no RCNEI

Sendo o RCNEI um documento organizado em duas partes. A primeira, **Para Começo de Conversa** onde discutem os fundamentos históricos, antropológicos, políticos e legais da proposta de educação indígena. A segunda, **Ajudando a Construir os Currículos Indígenas**,

que fornece referência para a prática curricular dos professores indígenas e não indígenas, que estão diretamente ligados à ação dos projetos pedagógicos da escola indígena. Sendo nessa segunda parte que o documento apresenta os conteúdos escolares que se deve trabalhar na disciplina de Geografia nas escolas indígenas.

Os módulos presentes no documento referentes à geografia, além de conteúdos próprios, apontam o que é específico do povo indígena. Assim o RCNEI propõe ao currículo de geografia alguns temas como também inclui algumas informações modernas (Quadro 1).

Quadro 1. Temas e informações modernas em Geografia proposto no RCNEI.

Temas	Informações Modernas
A importância da identidade, das formas concretas de vida na aldeia	A relação com não índios
O lugar onde o povo vive	Como é o ambiente? As formas de ocupar os espaços
Os mapas	Como fazer cartografia?
A história antiga	Quem é o brasileiro?
Os lugares da caça	Componentes da natureza e modos de vida
A relação com a terra	Identidade, território e relações sociais
Os grupos e seus nomes	Quais as diversidades existentes?
O espaço geográfico brasileiro	As formas de ocupar o espaço
A organização do trabalho e a economia	A ordenação do mundo: como a história, a economia e a política vão definindo as regiões do mundo
A organização do trabalho e a economia	Uso dos recursos naturais
Cultura	A questão ambiental dentro dos territórios indígenas brasileiros
O clima	Componentes da natureza e modos de vida

Fonte: MEC (1998). Organizado por Elson Almeida.

Verifica-se a variedade de temas e/ou abordagens para fazer e ensinar geografia aos indígenas. Portanto, esses temas se forem bem trabalhados pelo professor seja ele indígena ou não, poderá proporcionar ao aluno indígena uma aprendizagem significativa do espaço geográfico, fazendo-o identificar e analisar os fenômenos em diferentes escalas.

3.3. O Caminhar da Educação Indígena dos *Kyikatêjê*

A escola indígena *Tatakti Kyikatêjê*, iniciou as suas atividades em 2001, e a partir de então as lideranças indígenas começam a reivindicar junto aos órgãos responsáveis os seus

direitos no que se refere à oferta do ensino escolar aos povos indígenas (FERNANDES, 2010). No entanto, durante dois anos a escola funcionou sem estar reconhecida pela SEDUC (Secretaria de Educação do Estado do Pará), pois ainda não havia uma autorização legal estando sobre a responsabilidade da comunidade a contratação e pagamento dos professores e os demais profissionais para o pleno funcionamento da escola (FERNANDES, 2010).

Em 2003, a escola é reconhecida no sistema de ensino da SEDUC, autorizando assim o funcionamento da Escola *Tatakti kyikatêjê*, tendo o seu funcionamento como anexa à Escola Estadual de Ensino Fundamental Raolino de Oliveira Pinto, que se localizava na sede do município de Bom Jesus do Tocantins. Em 2007 a escola foi desanexada e finalmente reconhecida como Escola Estadual de Ensino Fundamental *Tatakti Kyikatêjê*, tendo também no ano seguinte a autorização concedida pela SEDUC para a oferta do ensino médio, sendo assim criada a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio *Tatakti kyikatêjê* por meio da portaria 035/2008.

Segundo Fernandes (2010) a constituição da educação escolar *Kyikatêjê* está diretamente relacionado aos princípios de autonomia, baseada em Freire (2008) que defende a educação como uma prática de liberdade que é contrário da educação como prática de dominação. Onde a primeira, busca a formação crítica dos alunos de forma autônoma, podendo assim, intervir e se sentir parte do espaço onde o mesmo mantém as suas relações sociais e culturais, enquanto que a segunda impede que o aluno construa seus conceitos de forma autônoma, impedindo que o aluno seja um sujeito crítico perante a sociedade, vendo apenas o professor como o único detentor do conhecimento e o mesmo o transfere para o aluno, sendo o aluno um depósito do conhecimento.

A Escola Indígena *Tatakti Kyikatêjê* (Figura 7) em 2018 está com um novo horário funcionando nos turnos da manhã atendendo alunos do ensino Fundamental, no turno da tarde para aluno do Ensino Médio e no turno da noite com alunos do EJA e educação cultural onde os alunos estudam e aprendem as danças, as histórias, os artesanatos, as músicas, a língua, etc.

Figura 7. Aspectos gerais da aldeia *Kyikatêjê*. Em (A) panorama geral da escola indígena em (B) vista área da aldeia *Kyikatêjê*.



Fonte: Foto (A) Rita Vidal. Foto (B) Imagem de Satélite Google Earth. Organização: Elson Almeida.

A estrutura física da escola é composta por uma área térrea, dividida em 10 salas de aulas com central de ar condicionado com espaço suficiente para acomodar 20 alunos, 1 sala para direção e 1 para os professores ambas climatizadas contendo os materiais necessários para seu funcionamento. A coordenação pedagógica dispõe de 1 sala que possibilita a organização dos arquivos pedagógicos mantendo os documentos atualizados e bem dispostos. Nos espaços externos tem-se 1 cozinha com dispensa e área de serviço, banheiros femininos e masculinos para alunos e banheiros femininos e masculinos para funcionários e um pátio escolar coberto para recreação dos alunos (Figura 8).

Figura 8. Espaços da Escola Indígena *Tatakti Kyikatêjê*.



Fotos de Elson Almeida.

Para Iara Ferraz (2017) a escola é a base para se reforçar a cultura, a língua materna e os costumes dos povos indígenas. Portanto, é na escola que se terá a oportunidade de se trabalhar sobre os povos indígenas *Kyikatêjê*, suas práticas culturais, língua entre outras práticas.

Segundo Concita Sopré (2017), a comunidade indígena *Kyikatêjê* tem uma expectativa muito grande sobre a escola indígena presente na aldeia. Como foi possível observar durante a realização da solenidade de formatura dos alunos indígenas do Ensino Médio da escola *Tatakti Kyikatêjê*, realizada em 18 de dezembro de 2017, toda a comunidade parou e atendeu ao convite da escola para privilegiar os alunos formandos. A festa foi comemorada e realizada no pátio da aldeia lugar esse de grande significado para a comunidade, sendo realizada na programação

dança cultural, sendo oferecido aos convidados comidas típicas, tendo também a competição de corrida da tora pelos alunos formandos (Figura 9).

Figura 9. Programação Cultura de Formatura dos Alunos Indígenas realizada em 2017.



Fotos de Elson Almeida.

A Escola Indígena, se estabelece de suma importância dentro da aldeia, pois a partir da escola o aluno poderá preservar, aprender e reconhecer a sua vivência e a sua cultura. Pois, caso o aluno indígena frequentasse uma escola “de fora” como os indígenas se referem a escola urbana, essa escola não entenderia quando o aluno indígena se ausentasse por conta do luto ou no período das festas da aldeia.

Mesmo com várias conquistas dos *Kyikatêjê* referente à educação, muito ainda se tem a conquistar para uma educação de qualidade para os alunos indígenas com o reconhecimento dos múltiplos saberes, o reconhecimento dos saberes dos mais velhos, a criação e implementação de uma nova grade curricular com a implementação da disciplina de antropologia para os alunos indígenas do Ensino Médio da escola, desenvolvimento de materiais didáticos e metodologias que possam ser trabalhados e fundamentados nas aulas para além do livro didático, entre outros anseios e reivindicações por parte dos representantes da escola.

Vemos assim, um novo desafio para se alcançar uma educação indígena bilíngue e diferenciada, sem deixar de lado a valorização dos conhecimentos e saberes tradicionais e ocidentais.

Portanto, o desenvolvimento de novas perspectivas metodológicas, adequadas para a compreensão das lógicas espaciais diferenciadas como se apresenta a escola e a educação indígena, proporcionará ao ensino na aldeia, principalmente no ensino de geografia a possibilitar a manutenção da identidade e novos olhares no processo de ensino e aprendizagem sendo assim, pensada e executada pelos próprios indígenas sem deixar de lado a sua cultura, tradições, os conhecimentos e os valores.

4. O PROTAGONISMO INDÍGENA E A CONSTRUÇÃO DO PERFIL GEOECOLÓGICO NA ALDEIA KYIKATÊJÊ

4.1. As Aulas como Norteadoras das Ações

As ações sobre elementos de etnomapeamento inicia-se a partir de reuniões com os responsáveis da escola tendo a presença do professor indígena de Geografia responsável pela turma, sendo discutido e apresentado neste momento como se daria o planejamento e a execução do trabalho proposto junto a Escola Indígena *Tatakti Kyikatêjê* sendo escolhido a turma do 6º ano para as ministrações das aulas e aplicações das atividades.

Posteriormente, houve a primeira aula⁹ com os alunos, discutindo sobre as paisagens que compõem a sua aldeia e sobre o entendimento que os mesmos possuem sobre o “Meio Ambiente/natureza”. Para a contextualização sobre a temática discutida em sala de aula, utilizou-se o Perfil Geoecológico para a discussão e exposição dos aspectos físico-naturais da aldeia, o perfil contém as principais feições de paisagem da aldeia como o solo, relevo, hidrografia e vegetação, sendo este o instrumento didático para a compreensão inicial dos alunos sobre os condicionantes da paisagem (Figura 10).

Figura 10. Aula sobre os aspectos físicos-naturais da Aldeia utilizando o Perfil Geoecológico como recurso didático.



Fotos de Melry Ribeiro. Organização: Elson Almeida.

⁹ Plano de aula no anexo A.

Em seguida, os alunos foram direcionados a representarem através de desenhos sobre o entendimento do que foi discutido na sala. Desta forma, os alunos traçaram desenhos com as percepções da paisagem tendo como referência a sua própria aldeia para construção e elaboração dos desenhos solicitados (Figura 11). Dando assim, início aos trabalhos com elementos do etnomapeamento relacionado ao Ensino de Geografia na educação indígena.

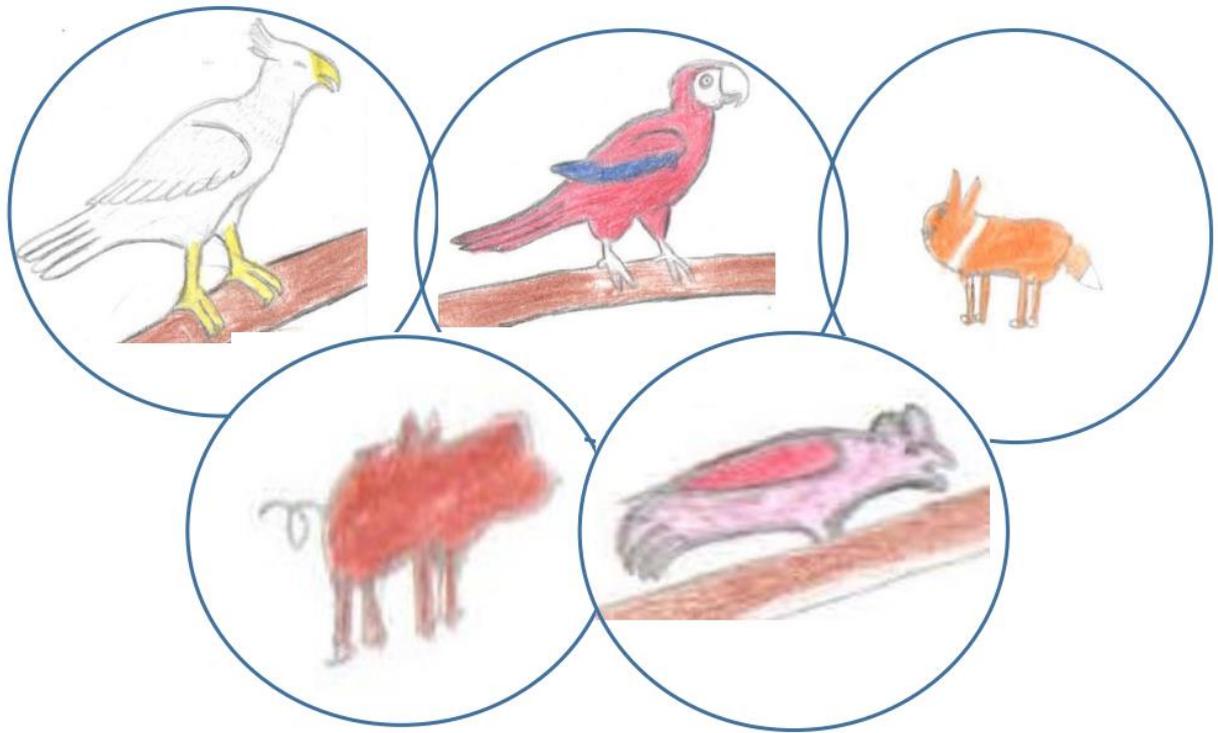
Figura 11. Trabalhando com Elementos de Etnomapeamento na Escola Indígena *Tatakti Kyikatêjê*.



Fotos de Elson Almeida.

Através dos desenhos elaborados pelos alunos, observou-se que estes caracterizaram as variedades de espécies da fauna presente na aldeia (águia, a arara, a raposa, o gavião) e ainda de porcos animal de criatório da aldeia entre outros (Figura 12).

Figura 12. Representação dos alunos da fauna existente na aldeia.



Alunos da Escola Indígena *Tatakti Kyikatêjê*. Organização: Elson Almeida.

Esses desenhos produzidos foram norteadores para a construção e espacialização da fauna no novo Perfil Geocológico na fase de sua elaboração pelos alunos e finalizado em gabinete.

Os valores, a cultura e as atividades tradicionais realizadas pelo seu povo também foram representados nos desenhos, como as práticas dos exercícios com arco e flecha que é praticada dentro da mata, a corrida da Tora praticada por homens e mulheres que correm uma determinada distância carregando a tora no ombro, outros aspectos também foram representados como as danças, árvores frutíferas, o rio Mãe Maria que seu povo utiliza para a pesca e também retrataram a presença dos animais que são criados na aldeia (Figura 13). Todos esses elementos são bastante expressivos dentro da cultura e da aldeia *Kyikatêjê*, sendo observado que os alunos produziram os seus desenhos a partir da sua vivência e do seu cotidiano.

Figura 13. Aspectos gerais das representações das paisagens da Aldeia *Kyikatêjê*.



Alunos da Escola Indígena *Tatakti Kyikatêjê*. Organização: Elson Almeida.

Em outra aula realizada, foi trabalhado os conteúdos sobre paisagem e impactos ambientais na aldeia, tendo em vista que a aldeia *Kyikatêjê* é atingida por vários impactos ambientais. Esses fatores influenciam na cultura e na identidade da comunidade indígena, onde os problemas geraram muitos outros impactos aqui pontuaram pelo Linhão de Transmissão da Eletronorte, Ferrovia - Estrada de Ferro Carajás e pela Rodovia - BR - 222.

Para que a aula fosse desenvolvida de forma didática, utilizou-se a representação de uma Castanheira¹⁰ que foi feita de papelão. Como proposta os alunos foram divididos em dois grupos onde um grupo deveria colar fotos ilustrativas selecionadas por eles que reproduzissem paisagem degradada e o outro grupo paisagem natural presentes na aldeia (Figura 14).

¹⁰ Para compreensão da construção da árvore de Castanha feita de papelão ver plano de aula no anexo B.

Figura 14. Desenvolvimento da atividade sobre os conceitos de paisagem e impactos na aldeia.



Fotos de Rita Vidal. Organização: Elson Almeida.

A partir dessa atividade cada grupo discutiu o porquê da escolha das figuras, explicando a partir de suas percepções e de forma crítica o que cada figura representava, realizando assim, uma discussão sobre paisagem natural e paisagem degradada a partir do olhar dos alunos indígenas e de como essas paisagens são representadas dentro de sua aldeia.

Os alunos do grupo responsável por colar na Castanheira figuras de paisagem degradada, relataram em sua explicação que as figuras coladas refletem os impactos presentes em sua aldeia como por exemplo a foto da empresa responsável pela implantação da Ferrovia - Estrada de Ferro Carajás segundo os alunos “a ferrovia tem causado vários problemas para a nossa aldeia como a diminuição de algumas árvores frutíferas e a morte de animais”.

E o grupo da Castanheira com paisagem natural colaram imagens referentes ao rio e a mata, relatando que “ainda o nosso povo está tentando cuidar do nosso rio que fica escondido lá no projeto limpeza, lá também as árvores estão guardadas não sendo derrubada pelos não indígena que invade nossa aldeia e suja nosso rio e destrói nossa mata”.

4.2. O Trabalho de Campo como Leitura do Mundo

Considerando o trabalho de campo como uma estratégia metodológica que irá subsidiar o ensino e a aprendizagem em Geografia, sendo o momento em que o aluno poderá verificar os conteúdos que foram discutidos em sala de aula, observando e percebendo a teoria na realidade.

Desta forma, o trabalho de campo se deu em dois momentos na mata e ao entorno da aldeia, tendo como base as aulas ministradas anteriormente. O campo teve como objetivo fazer com que os alunos verificassem em *lócus* os conteúdos discutidos em sala de aula, tais como os elementos da paisagem, impacto ambiental entre outros aspectos.

No campo realizado nas proximidades da mata da aldeia, com a assistência do professor indígena Jans Waritana, que auxiliou e também conduziu no percurso, as atividades que foram na área das florestas densa dos Castanhais, analisando as variedades de árvores frutíferas presente no local, e como se constituía a paisagem, fauna, o solo, como também a visita a área da mata onde se realiza a atividade da prática de arco e flecha entre outros aspectos. No percurso realizado no torno da aldeia visitou-se o portão principal de entrada da aldeia, analisando os impactos ao entorno da aldeia.

No decorrer do trabalho de campo e nas paradas discutiu-se elementos relacionado à flora, a fauna, solo, hidrografia e sobre os impactos ambientais ocasionados pela implantação dos grandes projetos como a construção da Linha de Transmissão, ferrovia, rodovia entre outras questões que ao longo das paradas foram levantadas pelos alunos (Figura 15).

Figura 15. Caminhos Percorridos no Trabalho de Campo.



Fotos Rita Vidal. Organização: Elson Almeida.

Durante o trabalho de campo em uma parada nas proximidades do Linhão da Eletronorte, os alunos pontuaram quanto aos problemas causados no período em que acontece a limpeza do corredor do linhão que é feita com fogo, os mesmos dizem que o fogo muitas

vezes invade a aldeia chegando próximo as suas residências, causando também problemas respiratórios, falta de ar, irritação de olhos por causa da fumaça durante a queimada.

Após esta etapa os alunos são conduzidos para a sala de aula, sendo orientados a desenharem os elementos da paisagem que observaram durante o percurso do trabalho de campo e a partir das discussões realizadas ao longo do percurso realizado (Figura 16).

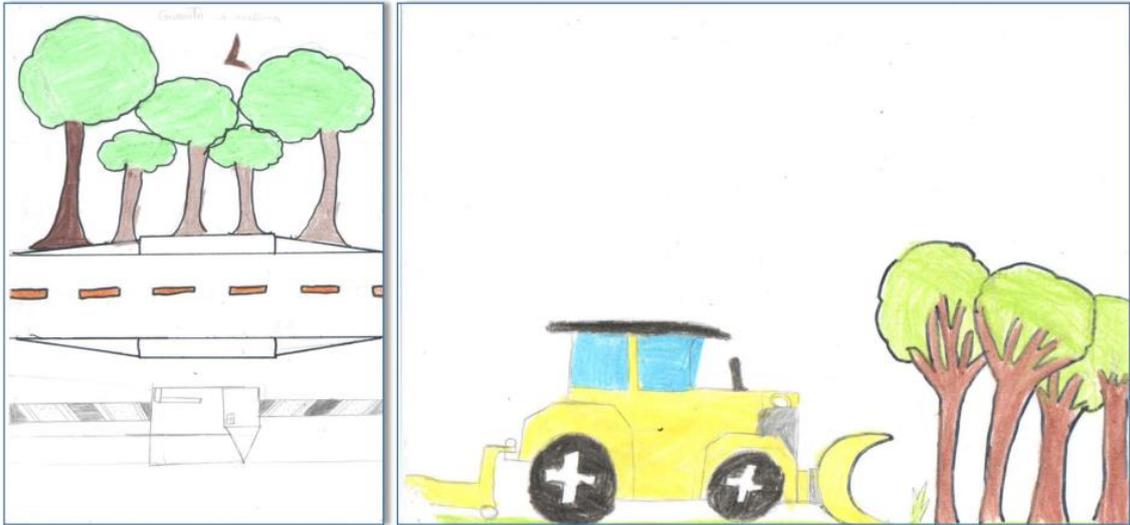
Figura 16. Confeção dos desenhos após o Trabalho de Campo.



Fotos de Elson Almeida.

Com a análise dos desenhos, observa-se que os alunos representaram elementos que foram verificados, discutidos e apontados em campo. A exemplo os desenhos expressam os impactos da construção da Rodovia (BR-222), e os problemas causados com a sua abertura que impactou e impacta ainda a aldeia (Figura 17).

Figura 17. Representação do Impacto causado pela implantação da Rodovia.



Alunos da Escola Indígena *Tatakti Kyikatêjê*. Organização: Elson Almeida.

Desta forma, observa-se nos desenhos que os alunos representaram os impactos causados pela abertura da rodovia, que provocou a degradação da paisagem como também uma ruptura na sua aldeia em relação a rodovia e a mata, causando assim limitação quanto ao uso de seu território. O aluno também representou o impacto causado com a derrubada dos pés de Castanhas, como nos confirma Dodde (2012, p.61) “a rodovia BR-222 impactou sobremaneira a TI, pois cortou cerca de 2 mil ha de Castanha”.

Impactos esses que foram relatados nas falas e nas discussões dos alunos que concluíram “existe uma diminuição dos pés de Castanhas em nossa aldeia e as Castanhas estão mais difícil agora para colher, há também a diminuição de algumas aves como a arara, o gavião e a águia”.

Pontua-se novamente que esses desenhos foram úteis na confecção do novo Perfil Geocológico no seu processo gráfico, sendo possível assim, representar e espacializar o maior número possível de impactos percebidos pelos alunos, como a rodovia, corte das árvores (Castanheiras) nas sessões do perfil e na representação de sua legenda.

Os alunos ao longo do trabalho de campo pontuaram que existem impactos em sua aldeia referentes ao desmatamento, a interferência na dinâmica socioeconômica e cultural do povo *Kyikatêjê*. Como foi relatado pelo aluno indígena “esses impactos trazem várias consequências como o aumento do tráfego de veículos na rodovia, perda da cobertura vegetal, insegurança na aldeia, atropelamento de animais na rodovia, morte do jabuti entre outras consequências”.

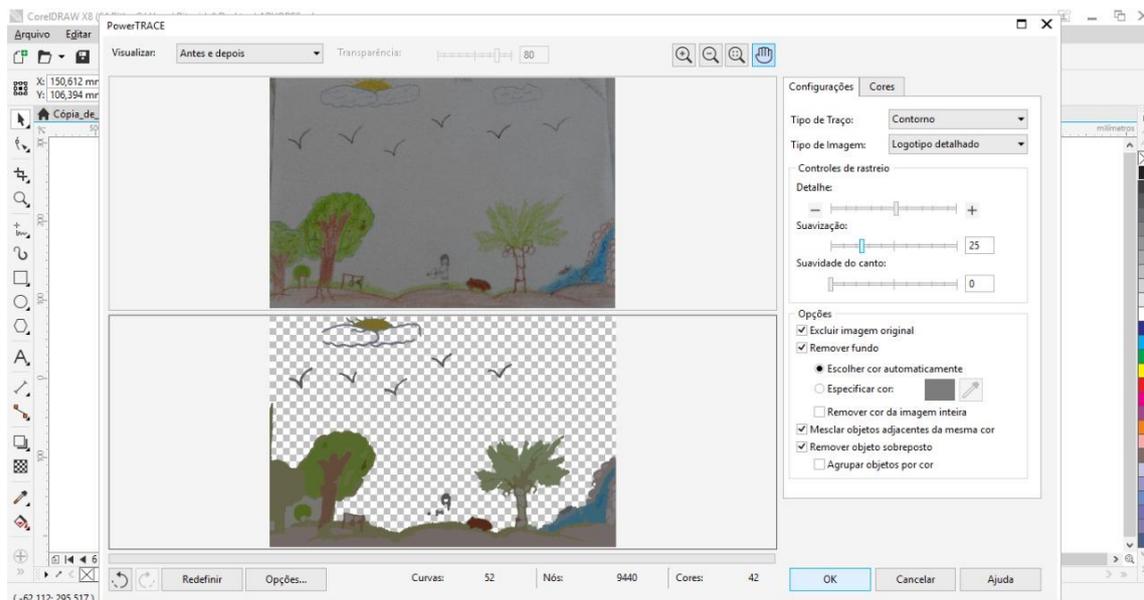
Os elementos importantes para a construção do novo Perfil Geocológico foram pontuados pelos alunos. Portanto, a realização do trabalho de campo, fecha uma etapa importante das atividades propostas no trabalho, como também a coleta de materiais para a

construção do novo perfil, além de possibilitar a ampliação dos olhares dos alunos sobre os assuntos discutidos nas aulas ministradas, a partir do uso dos elementos do etnomapeamento.

4.3. A Construção do Perfil

Tendo em mãos todos os elementos representados pelos alunos em forma de desenhos, partiu-se para a etapa em gabinete, utilizando para a elaboração do novo Perfil Geoecológico o software *CorelDraw X – 7* como ferramenta de edição, que permite manipular ferramentas básicas de desenho para (re)construir o perfil, onde foi feito o uso das ferramentas de cores, bem como de adição ou construção de vetores/figuras (Figura 18).

Figura 18. Melhoramento e vetorização dos desenhos produzidos pelos alunos.



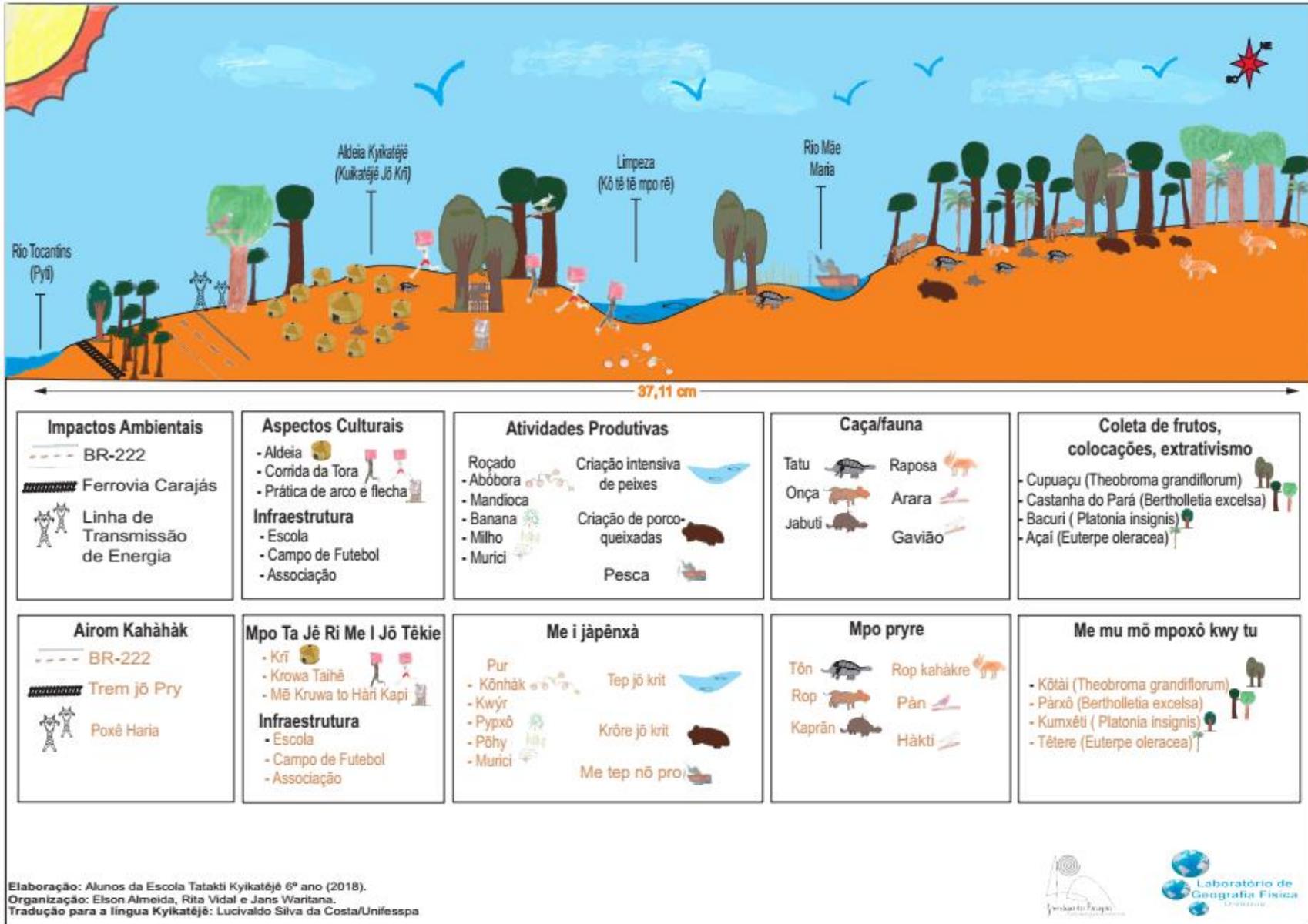
Fonte: Elson Almeida, a partir do *CorelDraw X – 7*.

Ao final com o uso das ferramentas de edição do *CorelDraw X – 7*, editando a imagem em bitmap e depois a transformando em vetor, para melhoramento visual, disposição das imagens, atrelado a informações produzidas pelos alunos nas aulas e no trabalho de campo, pode-se elaborar o novo Perfil Geoecológico da aldeia *Kyikatêjê* (uma produção conjunta entre pesquisadores, professor indígena e alunos). No perfil contém as principais feições de paisagem da aldeia, levando em consideração os estudos setORIZADOS têm-se os temas retratados no perfil, a saber: os impactos, aspectos culturais, infraestrutura, atividades produtivas, caça, aves e

árvores frutíferas. Tendo também a legenda traduzida para a língua *Kyikatêjê*¹¹, com o objetivo de valorizar a língua materna do povo *Kyikatêjê* sendo uma das reivindicações da comunidade o resgate e a valorização da sua língua (Figura 19).

¹¹ Aqui cabe ressaltar a contribuição para a pesquisa do professor Lucivaldo Costa docente da Educação do Campo/Unifesspa, que fez a tradução das legendas do perfil para a língua *Kyikatêjê*.

Figura 19. Perfil Geocológico da Aldeia *Kyikatêjê*



Fonte: Elaborados pelos alunos da escola *Tatakî Kyikatêjê* 6º ano. Organização: Elson Almeida, Rita Vidal, Jans Waritana e Lucivaldo Costa.

4.4. A Entrega e a Validação do Perfil

Com a elaboração e finalização do novo Perfil Geoecológico da aldeia *Kyikatêjê*, a partir dos elementos representados em forma de desenhos pelos alunos, parte-se para a apresentação do novo perfil elaborado.

A aula¹² tem início no pátio da escola com o resgate das ações que foram realizadas ao longo dos encontros e do desenvolvimento dos trabalhos, para reviver a memória das aulas realizadas utilizou-se um painel com fotos das atividades executadas nos encontros que se desenvolveram a partir de aulas expositivas e da realização do trabalho de campo foto (A), na sequência também foi realizado a exposição, discussão e análise dos desenhos confeccionados pelos alunos nos encontros que houveram foto (B), como pode-se observar (Figura 20).

Figura 20. Resgate das ações desenvolvidas, exposição e discussão dos desenhos produzidos pelos alunos.



Fotos Melry Ribeiro. Organização: Elson Almeida.

Após o resgate das atividades desenvolvidas das análises e discussões dos desenhos elaborados, os alunos foram conduzidos para a sala de aula onde houve a apresentação do novo Perfil Geoecológico da aldeia, no momento desta apresentação foi pontuado aos alunos que o novo perfil foi elaborado a partir dos desenhos confeccionados pelos mesmos, sendo os alunos convidados a analisarem, discutirem, pontuarem e sugerirem o que pode estar faltando no novo perfil da aldeia (Figura 21).

¹² Plano de aula no anexo C.

Figura 21. Apresentação do novo Perfil Geocológico da Aldeia *Kyikatêjê*.



Fotos Melry Ribeiro. Organização: Elson Almeida.

Pela quantidade do número de alunos e para que todos os alunos pudessem analisar e discutir o novo perfil a observação se deu em grupos que à medida que cada grupo observava e discutia, dava-se a oportunidade a um novo grupo para a análise e discussão.

Após todos os alunos observarem, os mesmos expressaram sua compreensão com a análise, relatando que o perfil apresentado, expressa a paisagem de sua aldeia, e cada elemento proposto corresponde ao seu cotidiano e a realidade de sua aldeia, tendo também como curiosidade a maneira como o Perfil Geocológico foi elaborado e de como foi feito o recorte dos desenhos e sua inserção no perfil, sendo assim, explicado de forma sucinta a sua elaboração.

A respeito das críticas em relação ao perfil os alunos pontuaram que alguns animais que estavam dimensionados no perfil soltos deveriam estar representados presos próximo a aldeia a exemplo o tatu que é capturado e preso em cercados, sugestão que foi ouvida e concertada na versão final que foi entregue a escola.

Houve também o momento em que os alunos foram convidados a expressarem sua opinião sobre as ações que foram desenvolvidas durante todo o trabalho, para a execução da proposta de avaliação das ações uma cartolina foi confeccionada estando especificados os seguintes itens a serem avaliados: equipe, aula, campo, conteúdo e perfil. Para que os alunos pudessem votar e expressar sua opinião foram disponibilizadas figuras contendo expressões faciais de contente, neutralidade e negação para colagem no painel avaliativo (Figura 22).

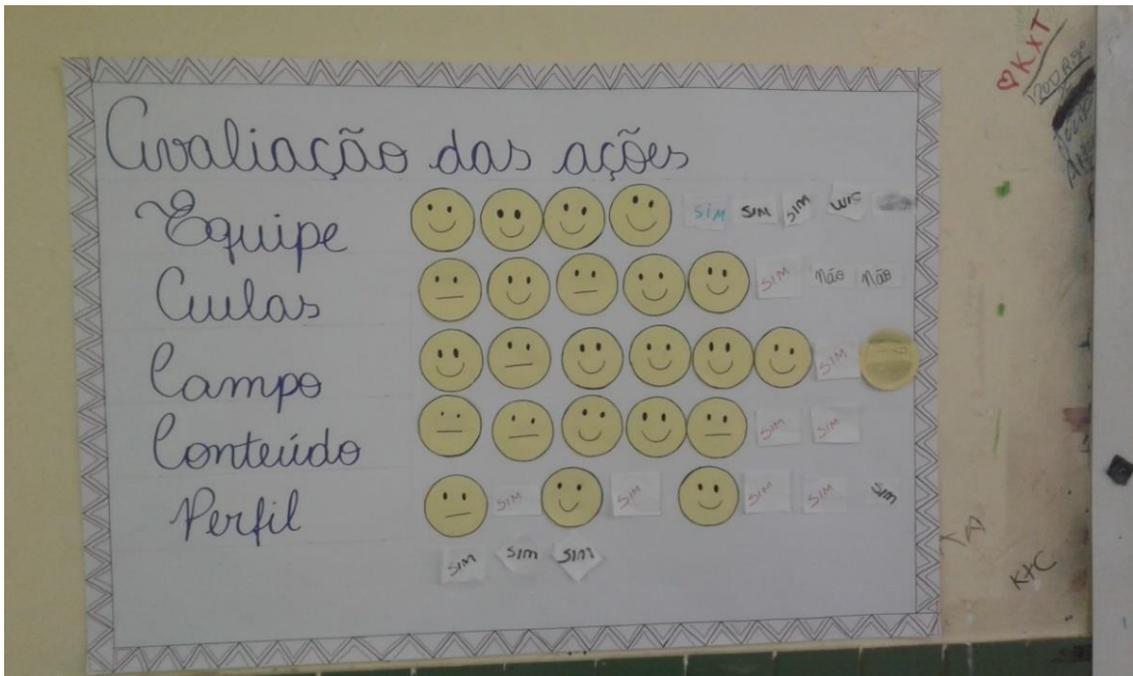
Figura 22. Composição da avaliação das ações desenvolvida.



Fotos de Elson Almeida.

Observa-se ao final da avaliação que os alunos pontuaram de forma positiva a ação da equipe (professor da classe e professor visitante), o desenvolvimento e ministração das aulas também pontuaram de forma positiva estando apenas duas figuras com a carinha neutra, seguida do trabalho de campo com uma carinha neutra, como também o conteúdo ministrado com três figuras neutras e por fim o Perfil Geocológico com apenas uma carinha neutra (Figura 23).

Figura 23. Painel com resultado final da avaliação das ações da pesquisa.



Fotos de Elson Almeida.

Para termos a compreensão sobre a formação do conceito de paisagem dos alunos ao final de todo o processo, foi proposta uma atividade onde os alunos deveriam escrever o que é paisagem? Quais os impactos presentes na paisagem? Levando em consideração todas as aulas aplicadas e as discussões realizadas durante a execução das atividades (Figura 24).

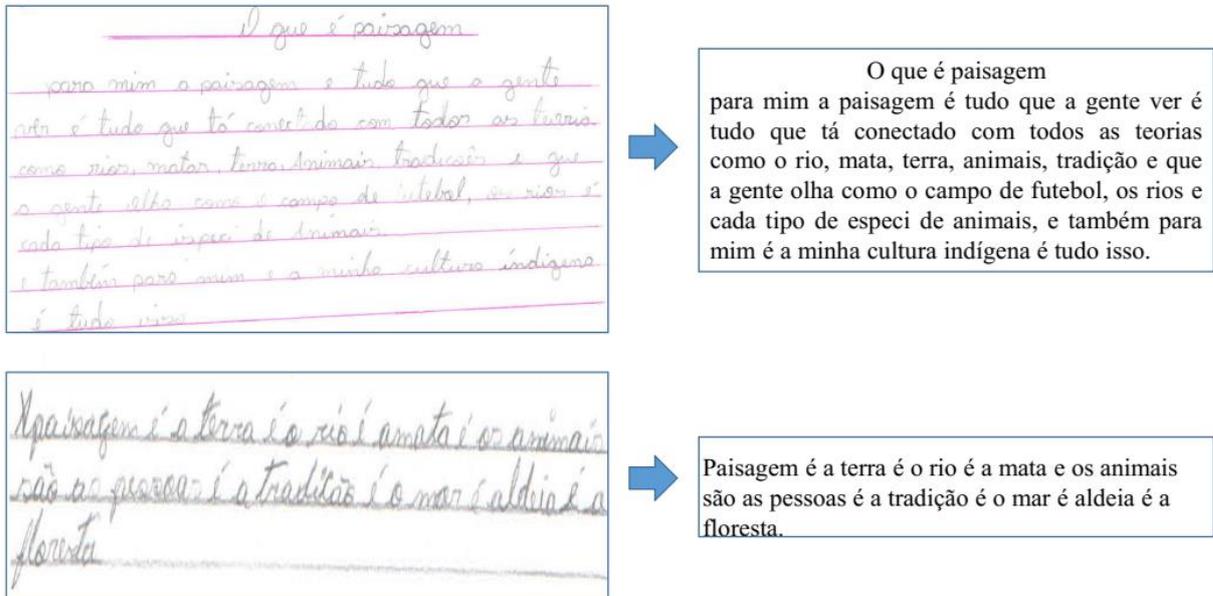
Figura 24. Alunos realizando a atividade sobre o que é Paisagem?



Fonte: Elson Almeida.

A partir das análises das atividades observamos que a maioria dos alunos obtiveram a compreensão e construção do conceito de paisagens como podemos constatar na atividade do aluno abaixo (Figura 25).

Figura 25. Conceituação teórica da Paisagem pelos alunos indígenas.

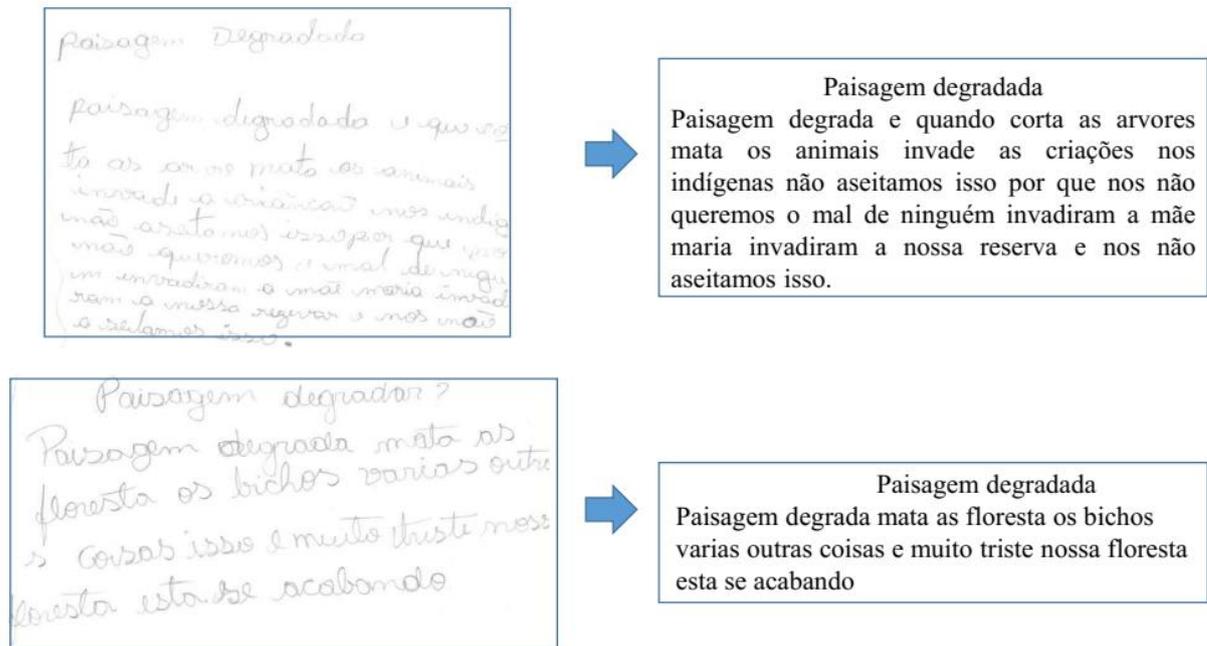


Aluno da escola *Tatakti Kyikatêjê* 6^a ano. Organização: Elson Almeida.

Observa-se que o aluno conceituou a paisagem levando em consideração a integração dos elementos naturais e antrópicos, compreendendo que esses componentes interagem entre si. Temos, portanto, na conceituação da paisagem pelos alunos uma análise integrada dos componentes naturais e humanos na paisagem, sendo também entendida com a associação de elementos que combinam a natureza, a cultura e a sociedade, estando o homem a ela integrado.

Em relação a compreensão de paisagem degradada e/ou impactos ambientais os alunos expressaram e compreenderam que é causada a partir de elementos naturais e elementos antrópicos, que modificam e transformam a paisagem, a partir da necessidade da sociedade relacionado a produção, sobrevivência, a exemplos a implementação dos grandes projetos como discutidos nas aulas sobre impactos ambientais que têm causados problemas socioculturais às terras indígenas (Figura 26).

Figura 26. Entendimento de Impacto Ambiental pelos alunos indígenas.



Alunos da escola indígena *Tatakti Kyikatêjê* 6^a ano. Organização: Elson Almeida.

A partir de todo o percurso traçado durante as atividades em sala de aula e em trabalho de campo, percebe-se que os alunos construíram importantes percepções e concepções referentes à sua aldeia e do seu espaço vivido. Esses elementos foram vistos e expressados nas atividades executadas pelos alunos, onde os mesmos fundamentaram, problematizaram e analisaram de forma crítica os problemas relacionados à sua aldeia e expressados na paisagem local.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos específicos propostos no trabalho foram alcançados, uma vez que o trabalho com o uso de elementos de etnomapeamento se mostra eficaz e possibilita entendimento e construção dos conceitos geográficos, pois possibilitaram que os alunos obtivessem um melhor entendimento sobre a paisagem, áreas de usos da comunidade, reconhecimentos referentes aos impactos provocados na aldeia e ao seu entorno e as áreas de usos culturais.

O uso de elementos de etnomapeamento possibilitou a construção do Perfil Geoecológico com os alunos e pelos alunos, sendo construído a partir da participação dos alunos da escola indígena. O perfil servirá de apoio como material didático pedagógico para o professor trabalhar em suas aulas com os alunos, sendo o mesmo um material elaborado pelos próprios alunos, tendo um significado e uma relação com a sua identidade e realidade, obtendo reflexos na educação indígena.

O objetivo de elaborar um Perfil Geoecológico contendo os condicionantes da paisagem da aldeia indígena foi realizado, nele está representado os aspectos culturais, impactos, infraestrutura presente na aldeia, atividades produtivas, a fauna, a flora entre outros aspectos expressados na paisagem da aldeia.

Em relação aos problemas da pesquisa aqui manifestada, observou-se que se tem levado em consideração o conhecimento tradicional do aluno indígena nas aulas de Geografia. Quanto à inclusão de elementos que proporcione ao aluno perceber e fazer a relação do que é ensinado em sala de aula com o conhecimento que o mesmo já possui, a dificuldade está em obter materiais didáticos específicos, que vão ao encontro da realidade indígena, que proporcione fazer com que o aluno observe e perceba relação do conhecimento científico com o conhecimento tradicional.

Desta forma, o trabalho aqui proposto e executado deixa como contribuição para a Escola, para o ensino de Geografia e para a educação indígena, a confecção do Perfil Geoecológico da aldeia que irá subsidiar as aulas, sendo um material didático que foi elaborado a partir da realidade e vivência dos alunos os quais foram os protagonistas no processo de elaboração do perfil. Além de deixar o material didático palpável, deixa-se a metodologia executada com o professor indígena da escola para que este possa replicá-la em outras turmas.

No tocante as dificuldades encontradas em relação à pesquisa e a execução dos trabalhos, pontua-se que muitas vezes o cronograma de planejamento das atividades práticas na escola indígena não foram seguidos na íntegra, tendo em vista que a escola indígena possui um

calendário diferenciado que leva em consideração a cultura do povo indígena *Kyikatêjê*, onde as atividades agendadas para uma respectiva data não eram possíveis, por causa da realização de atividades culturais na aldeia.

A exemplo tem-se os lutos, onde na tradição *Kyikatêjê* o luto deve ser guardado, ficando toda a comunidade indígena de luto por uma semana, nesse período nenhuma festividade é realizada, as pessoas não se pintam e conseqüentemente as atividades na escola também são suspensas.

Também há uma grande dificuldade em conseguir a tradução de algumas palavras em português para a língua materna dos *Kyikatêjê*, pois algumas palavras os mais velhos que dominam a língua não encontram a tradução, esse fato, reflete a razão de ter no Perfil Geocológico palavras não traduzidas para a língua *Jê*.

Tona-se, portanto, um desafio realizar pesquisas na Educação Escolar Indígena, que leve em consideração as especificidades, particularidades e a temporalidade indígena, mas com a implementação de novas perspectivas metodológicas é possível realizar uma educação diferenciada que dê conta das especificidades dos alunos indígenas, tendo a escola indígena como o lugar de vida com a cultura, pois é a partir da escola que se tem o processo de resgate da corrida da tora, do canto, da dança, da língua e das crenças.

As intervenções e atividades proposta no trabalho parte da vivência e do cotidiano da vida dos alunos indígenas, possibilitando que os mesmos percebam e reflitam sobre o seu papel na comunidade, tornando-os motivados a pensarem e intervirem nos problemas relacionados à sua aldeia, sendo capazes de entender de forma crítica e autônoma a sua realidade local. Portanto, as atividades desenvolvidas proporcionaram um ensino significativo aos alunos, como também fortaleceu o ensino de Geografia na escola indígena.

REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, H. (Org.). **Cartografias Sociais e Territórios**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.
- ALENCAR, D. L. **O uso de sistemas geoinformativos para a delimitação de tipologias do Cerrado no parque estadual Serra dos Martírios/Andorinhas e APA Araguaia – Pa**. Monografia – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Marabá, 2018.
- ALMEIDA, A. W. B. de. **Carajás: A Guerra dos Mapas**. Belém: Falangola, 2003.
- ALMEIDA, A. W. B. de. A dimensão Política dos Conhecimentos Tradicionais, in _____ACSELRAD, H. (org.) **Conflitos Ambientais no Brasil**. Relume Dumará. Rio de Janeiro, 2004.
- ALMEIDA, E. P. RIBEIRO, M. C. VIDAL, M. R. **Elaboração de materiais didático no ensino de geografia física na reserva indígena kyikatêjê a partir da construção de perfis geocológico**. In: I simpósio de produção científica, 2017, Marabá – PA. Anais do simpósio de produção científica. Marabá – PA: Unifesspa, 2017. v. 1.
- BARBALHO, J.I.S. **Saberes da Prática: tempo, espaço e sujeito da formação escolar entre professores/as indígenas do Estado de Pernambuco**. Recife, 2007.
- BRASIL. Lei nº 9394, **Lei de Diretrizes e Base da Educação – LDB**. Brasília: Ministério da Justiça, 1996.
- CARDOSO, T. M. GUIMARÃES, G. C. (Org.). **Etnomapeamento dos Potiguara da Paraíba**. Brasília: FUNAI/CGMT/CGETNO/CGGAM, 2012. (Série Experiências Indígenas, n.2).
- CARDOZO, I. B. JUNIOR, I. C. do V. (org.). **Etnozoneamento da Porção Paraense das Terras Indígenas Trombeta-Mapuera e Nhamundá-Mapuera**. Porto Velho. EDUFRO, 2012. 200p.
- CORREIA, C. de S. **Etnozoneamento, Etnomapeamento e Diagnóstico Etnoambiental: Representações Cartográficas e Gestão Territorial em Terras Indígenas do Estado do Acre**. Tese (DAN – UNB), 2007.
- DODDE, P.A.R. **Impactos de empreendimentos lineares em Terras Indígenas na Amazônia Legal: o caso da BR-230/PA e das Terras Indígenas Mãe Maria, Nova Jacundá e Sororó**. Rio de Janeiro: UFRJ/COPE, 2012.
- FERNANDES, R. de F. **Educação Escolar Kyikatêjê: novos caminhos para aprender e ensinar**. Belém, 2010.

- FERRAZ, I. Palestra “**Dinâmicas territoriais dos povos indígenas no Sudeste do Pará**”. Marabá: Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, 16 nov. 2017.
- FIDA, Fundo Internacional de Desarrollo Agrícola. **Buenas prácticas em cartografia participativa**, 2009.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
- LADEIRA, M. E. **Educação escolar indígena: projetando novos futuros**. Brasília: CTI, 1999.
- LEONARDI, V. **Entre Árvores e Esquecimentos: história social nos sertões do Brasil**. Brasília: Paralelo 15/Editora UnB, 1996.
- MANDULÃO, F. da S. Educação na visão do professor indígena. In: **Formação de professores indígenas: repensando trajetórias**. Org. Luís Donisete Benzi Grupione. Brasília. MEC/SECAD, 2006.
- MARCHADO, M. C. **Mapeamento Cultural e Gestão Territorial de Terras Indígenas: O uso dos Etnomapas**. 2014. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade de Brasília, 2014.
- MASCARENHAS, A. L. S. **Análise geoambiental da ilha de Algodal-Maiandeuá/Pa**. 2006. 134f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2006.
- MASCARENHAS, A. L. S.; Vidal, M. R. **O Uso do Perfil Geoecológico para a Representação da Paisagem: Uma Metodologia Útil em Campo?** In: XV Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada, 2013, Vitória – ES. Anais dos Trabalhos Científicos. Vitória: Departamento de Geografia. CCHN. UFES, 2013. v. 1. p. 754-761.
- MEC – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas**. Brasília: MEC, 1998
- MELIÁ, B. **Educação indígena e alfabetização**. São Paulo: Loyola, 1979.
- RIBEIRO, B.G. **O índio na história do Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Global, 1984.
- RICARDO, C. A. (Org.). **Povos Indígenas no Brasil**. São Paulo: CEDI, 1985.
- RODRIGUEZ, J. M. M.*et al.* **Análise da paisagem como base para estratégia de organização geoambiental: Corumbataí (SP)**. Geografa, Rio Claro, v.20, n.1, p.81-129, abr.1995.
- RODRIGUEZ, J.M.; SILVA, E. V; CAVALCANTI, A.P.B. **Geoecologia de Paisagens: uma visão geossistêmica da análise ambiental**. Fortaleza: Editora UFC, 2004.
- VIDAL, M.R. **Geoecologia das paisagens: fundamentos e aplicabilidades para o planejamento ambiental no baixo curso do rio Curu – Ceará – Brasil**. 2014. 190f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2014.

ANEXOS

ANEXO A

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA
Instituto de Ciências Humanas – ICH
Faculdade de Geografia

Plano de Aula

Escola estadual de Ensino Fundamental e Médio indígena *Tatakti Kyikatêjê*

Público alvo: 6º ano

Tempo 2 aulas

Tema: Paisagem

OBJETIVO

- Analisar a percepção da paisagem a partir da vivência dos alunos, tendo como auxílio o perfil geoecológico.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender a relação dos elementos físicos-naturais e antrópicos visando os impactos ambientais presentes na aldeia indígena;
- Analisar os elementos físicos naturais a partir da categoria Paisagem levando em consideração a percepção do aluno.

CONTEÚDOS

- Paisagem;
- Meio ambiente/natureza;
- Os elementos que compõe a paisagem.

METODOLOGIA

A aula terá início com a apresentação do tema. Em seguida, será utilizado o Perfil Geoecológico como instrumento didático, no perfil contém elementos como a mata, os animais, a terra (solo), o rio, relevo, hidrografia e vegetação, fazendo com que os alunos visualizem a partir do perfil os elementos da paisagem que compõe a sua aldeia sejam eles físicos, culturais e naturais.

A partir daí será solicitado aos alunos que representem os aspectos físicos de sua aldeia através de desenhos, levando em consideração a discussão realizada em sala de aula. Após os desenhos finalizados haverá uma reflexão e discussão dos desenhos elaborados pelos alunos.

RECURSOS

- Perfil Geoecológico, papel A4, lápis de cor, pincel, apagador e quadro branco.

ANEXO B

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA
Instituto de Ciências Humanas – ICH
Faculdade de Geografia

Plano de Aula

Escola estadual de Ensino Fundamental e Médio indígena *Tatakti Kyikatêjê*

Público alvo: 6º ano

Tempo 2 aulas

Tema: Impactos Ambientais

OBJETIVO

- Fazer com que o aluno compreenda o que é impacto;
- Compreender quais os impactos presentes na aldeia.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender o que é paisagem degradada e paisagem natural;
- Analisar como são apresentados a paisagem degradada e natural dentro da aldeia;
- Entender as consequências desses impactos na aldeia.

CONTEÚDOS

- Paisagem;
- Impactos ambientais;

METODOLOGIA

A aula terá início com a apresentação do tema. Em seguida, haverá uma breve discussão sobre impactos ambientais.

Após a discussão, os alunos serão divididos em dois grupos, um grupo deverá colar em uma Castanheira confeccionada de papel fotos ilustrativas selecionadas por eles sobre paisagem degradada e o outro grupo deverá colar na Castanheira imagens sobre paisagem natural presentes em sua aldeia.

Ao final, com todos os desenhos colados cada grupo deverá socializar e discutir o porquê das escolhas e colagem de cada figura e como essas paisagens são representadas dentro de sua aldeia.

CONFECÇÃO DA ÁRVORE DE CASTANHA

A árvore de Castanha foi confeccionada com papelão para construir o molde da árvore de Castanha, foi utilizado papel camurça para cobrir o caule da castanha e cartolina para cobrir a parte do cacho da árvore. Em seguida, foi construída com cartolina marrom ouriços representando os frutos da árvore da Castanha do Pará, sendo finalizada a partir da colagem do caule com o cacho da árvore e a colagem dos ouriços no cacho.

RECURSOS

- Árvores de Castanheira confeccionada de papelão, imagens de paisagem degradada e paisagem natural, fita gomada, cola, pincel, apagador e quadro branco.

ANEXO C

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA
Instituto de Ciências Humanas – ICH
Faculdade de Geografia

Plano de Aula

Escola estadual de Ensino Fundamental e Médio indígena *Tatakti Kyikatêjê*

Público alvo: 6º ano

Tempo 2 aulas

Tema: Entrega e validação do novo Perfil Geoecológico

OBJETIVO

- Apresentar ao aluno o novo Perfil Geoecológico.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Fazer com que os alunos visualizem a partir do novo Perfil Geoecológico os elementos condicionantes presentes na paisagem da aldeia;
- Analisar e discutir junto aos alunos os condicionantes presentes no novo perfil.

CONTEÚDOS

- Paisagem;
- Impactos ambientais;
- Meio ambiente/natureza;
- Os elementos que compõe a paisagem.

METODOLOGIA

A aula terá início com a apresentação do tema. Em seguida, haverá uma breve discussão sobre impactos ambientais.

Após a discussão, os alunos serão divididos em dois grupos, um grupo deverá colar em uma Castanheira confeccionada de papel fotos ilustrativas selecionadas por eles sobre paisagem degradada e o outro grupo deverá colar na Castanheira imagens sobre paisagem natural presentes em sua aldeia.

Ao final, com todos os desenhos colados cada grupo deverá socializar e discutir o porquê da escolhas e colagem de cada figura e como essas paisagens são representadas dentro de sua aldeia.

A aula terá início no pátio da escola com o resgate das ações que foram desenvolvidas em todos os encontros, esse resgate se dará a partir da apresentação de um painel contendo as fotos das aulas realizada e do trabalho de campo, na sequência também terá a exposição e discussão dos desenhos confeccionados pelos alunos.

Após o resgate das ações desenvolvidas, os alunos serão conduzidos para a sala de aula, onde será apresentado o novo Perfil Geoecológico fazendo assim análise e discussão do perfil com a participação de todos os alunos que foram protagonistas no processo de construção a partir das confecções dos desenhos.

Em seguida, será realizada a avaliação pelos alunos das ações desenvolvidas entre elas as aulas, a equipe, o campo, o conteúdo, e o novo perfil. Para a avaliação será utilizada uma cartolina contendo todos os itens das ações desenvolvidas sendo a avaliação realizada com a colagem de carinhas neutras e com carinhas e carinhas contente.

Ao final para ter a compreensão sobre a formação do conceito, será solicitado aos alunos que escrevam o que os mesmos entendem por paisagem e por impacto ambiental.

RECURSOS

- Perfil Geoecológico, painéis de cartolina, fita gomada, cola, pincel, apagador e quadro branco.

ANEXO D

1. XVIII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto –SBSR/INPE Santos - SP, Brasil, 28 a 31 de Maio de 2017 –. VIDAL; M.R; MASCARENHAS, A. L. S. “**Perfil geoecológico da Aldeia Indígena Kykatêjê a partir do modelo digital do terreno**” ISBN: 978-85-17-00088-1.
2. XVII Simpósio Brasileiro de Geografia Física, I Congresso Nacional de Geografia Física. Os Desafios da Geografia Física na Fronteira do Conhecimento, Campinas-SP, 28 de junho á 02 de julho de 2017. ALMEIDA; E.P; RIBEIRO, M.C.A; VIDAL; M.R “**O uso do Perfil Geoecológico da Aldeia Indígena Kykatêjê como Proposta no Ensino de Geografia Física**” ISBN 978-85-85369-16-3
3. I Simpósio de Produção Científica- Espaço de Integração Acadêmica e Científica, Marabá-PA, 01 à 10 de Fevereiro de 2017. ALMEIDA; E.P; RIBEIRO, M.C.A; VIDAL; M.R “**Elaboração de Materiais Didático no Ensino de Geografia Física na Reserva Indígena Kykateje a partir da Construção de Perfis Geoecológico**”
4. XVI Encontro Paraense de Geografia e IV Colóquio de Geografia do Oeste do Pará, Santarém-PA. 06 a 09 de setembro de 2017. ALMEIDA; E.P; VIDAL; M.R. “**Representações Cartográficas: Etnomapeamento Em Terras Indígenas**”
5. XIII Seminário Nacional de Políticas Educacionais e currículo. II Seminário Internacional de Políticas Públicas Educacionais,cultura e formação de professores. Belém-PA, 6,7 e 8 de novembro, 2017- ALMEIDA; E.P; VIDAL; M.R “**Qual a importância do etnomapeamento em territórios indígenas?** ” ISSN 2359-0874
6. II Simpósio de Produção Científica- A Pesquisa Científica e as Interações com a Realidade Amazônica. Marabá-PA, 01 à 02 de Fevereiro de 2018. ALMEIDA; E.P; RIBEIRO, M.C.A; VIDAL; M.R “**O caminhar na mata: o perfil geoecológico no ensino de geografia em terras indígenas**” (Aprovado).
7. II Simpósio de Produção Científica- A Pesquisa Científica e as Interações com a Realidade Amazônica. Marabá-PA, 01 à 02 de Fevereiro de 2018. ALMEIDA; E.P; RIBEIRO, M.C.A; VIDAL; M.R “**A percepção da paisagem no ensino de geografia Física na Aldeia Indígena Kykateje** ” (Aprovado).
8. XII Congresso brasileiro de etnobiologia e etnoecologia. Belém – PA, 07 a 10 de Agosto de 2018. ALMEIDA; E.P; VIDAL; M.R “**ETNOECOLOGIA DAS PAISAGENS: USOS E PROTEÇÃO DA FLORESTA PELO POVO KYIKATÊJÊ**”. (Aprovado)
9. ALMEIDA, Elson Pereira de. VIDAL, Maria Rita. **Impactos ambientais pela implantação dos grandes projetos na terra indígena Mãe Maria no estado do Pará /Brasil**. In: III encontro de pós-graduação Unifesspa, 2018. Anais III encontro de pós-graduação, 2018.
10. VI Congresso Brasileiro de Educação. Unesp - campus Bauru, São Paulo 26 a 29 de julho de 2017. ALMEIDA; E.P; RIBEIRO, M.C.A; VIDAL; M.R **Estudo do Meio como alternativa metodológica para a elaboração de etnomapeamento**. (Aprovado)

